

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**TATIANE BATISTA DOMINGUES MACÊDO**

**AUTOLESÃO NÃO SUICIDA EM ADOLESCENTES:  
Estudo de caso de um Centro de Ensino Fundamental em Brasília-DF**

**Brasília - DF**

**2024**

**TATIANE BATISTA DOMINGUES MACÊDO**

**AUTOLESÃO NÃO SUICIDA EM ADOLESCENTES:  
Estudo de caso de um Centro de Ensino Fundamental em Brasília-DF**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em 2024, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marília Veríssimo Veronese

**Brasília - DF  
2024**

## FICHA CATALOGRÁFICA

M141a Macêdo, Tatiane Batista Domingues.

Autolesão não suicida em adolescentes : estudo de caso de um Centro de Ensino Fundamental em Brasília-DF / Tatiane Batista Domingues Macêdo. – 2024.

89 f. : il. ; 30 cm.

Tese (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2024.

“Orientador: Prof. Dra. Marília Veríssimo Veronese”.

1. Autolesão não suicida – Adolescente.
2. Centro de Ensino Fundamental (DF).
3. Ciências sociais. I. Título.

CDU 613.86-053.6

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecário: Luciana Sobrinho de Melo Gomes – CRB-1/1666)

TATIANE BATISTA DOMINGUES MACÊDO

**AUTOLESÃO NÃO SUICIDA EM ADOLESCENTES:  
Estudo de caso de um Centro de Ensino Fundamental em Brasília-DF**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em 2024, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Aprovado em 13/09/2024

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marília Veríssimo Veronese – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Carlos Alfredo Gadea – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

---

Profa. Dra. Adriane Vieira Ferrarini – UFPel – Universidade Federal de Pelotas

Dedico esse trabalho a todas as adolescentes que enfrentam diariamente a dor de não poderem falar o que sentem com medo de serem rotuladas de “frescas”, “chatas”, “fracas”. Que possam se identificar com o que foi escrito aqui e traga ajuda e sentido no que precisarem. Em especial, dedico às quatro adolescentes que aceitaram dividir suas histórias e me permitiram chegar perto de suas cicatrizes. Minha eterna gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus que me trouxe até aqui e esteve comigo em todos os momentos me provendo de recursos intelectuais, emocionais e financeiros. Ele que me manteve firme em continuar nessa jornada, mais longa que o planejado e mais desafiadora do que eu imaginava.

Agradeço à minha família. Meu esposo, meu companheiro de vida, por todo o apoio e pelas inúmeras vezes que leu o meu texto e contribuiu ricamente com as correções gramaticais e longas conversas que me ajudaram a ampliar os horizontes da pesquisa. À minha mãe, minha inspiração para a docência, quem não mede esforços para me ajudar na rotina da maternidade e que me incentiva sempre a não parar os estudos. Que enfrentou bravamente um câncer e que hoje celebra comigo essa conquista com muita saúde e recuperada de um tratamento de quimioterapia e radioterapia. Ao meu pai, meu exemplo de perseverança, fé e coragem para prosseguir, mesmo quando os dias se tornam cinzentos e parece que o sol não vai nascer novamente. Obrigada por sempre estar ao meu lado. À minha prima irmã, Dani, que pegou na minha mão e não me deixou desistir no momento mais desafiador do meu mestrado. Amo-te. Aos meus irmãos, cunhado, cunhadas e minhas duas sobrinhas, Manu e Maria Laura. Vocês não têm ideia do quanto nossos encontros em família foram combustível para meus estudos.

À minha filha, Ana Clara, que me revela a cada dia o quanto sou afortunada por ser sua mãe. Que me revela o quanto o meu coração é fértil e que para gerar eu não preciso de útero. Você nasceu para mim, filha.

À minha orientadora, professora Marília. Obrigada pela paciência na construção de novos saberes e por todo o acolhimento ao longo desses quatro anos de estudos na Unisinos.

À Maristela, Secretária do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, minha eterna gratidão por cada devolutiva rápida e assertiva quando precisei resolver questões administrativas.

À Direção da escola onde realizei a pesquisa por terem me acolhido e disponibilizado toda a estrutura para a realização desse trabalho.

Aos meus alunos da Faculdade Iscon, que acompanharam a reta final dessa jornada e me incentivaram com atos e palavras de carinho. Levo vocês no coração.

Eu, Etiqueta  
...eu é que mimosamente pago  
para anunciar, para vender  
em bares festas praias pérgulas piscinas,  
e bem à vista exibo esta etiqueta  
global no corpo que desiste  
de ser veste e sandália de uma essência  
tão viva, independente,  
que moda ou suborno algum a compromete.  
Onde terei jogado fora  
meu gosto e capacidade de escolher,  
minhas idiosincrasias tão pessoais,  
tão minhas que no rosto se espelhavam,  
e cada gesto, cada olhar,  
cada vinco da roupa  
resumia uma estética?  
Hoje sou costurado, sou tecido,  
sou gravado de forma universal,  
saio da estamperia, não de casa,  
da vitrina me tiram, recolocam,  
objeto pulsante mas objeto  
que se oferece como signo de outros  
objetos estáticos, tarifados.  
Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
de ser não eu, mas artigo industrial,  
peço que meu nome retifiquem.  
Já não me convém o título de homem.  
Meu nome novo é coisa.  
Eu sou a coisa, coisamente.”  
(Andrade. Carlos Drummond, 1984, p.50)

## RESUMO

A presente pesquisa investigou o significado atribuído, pelas adolescentes, à prática da autolesão não suicida e buscou fundamentação nas ciências sociais. Os objetivos específicos da pesquisa foram: a) compreender o fenômeno da autolesão não suicida entre adolescentes a partir do entendimento que estes dão a esse fenômeno social; b) investigar as motivações subjetivas para a prática da Autolesão Não Suicida (ALNS) entre os alunos do Centro de Ensino Fundamental de Brasília; c) avaliar indicadores de risco e de proteção para a incidência do fenômeno da autolesão. Foi utilizada a abordagem qualitativa com aplicação da técnica de grupo focal. A pesquisa foi realizada em um Centro de Ensino Fundamental em Brasília e participaram da pesquisa: 4 adolescentes, uma orientadora educacional e uma psicóloga escolar. Teve como fundamentação teórica a obra “A Era do vazio”, de Lipovetsky; os conceitos de Conteúdo e Forma na socialização de Simmel; o Sujeito do cansaço, descrito por Chul Han e a geração ansiosa, de Haidt. O trabalho evidenciou o sentimento de alívio como o principal significado atribuído à prática da autolesão não suicida. Foram cinco categorias de análise dos resultados: 1) Meu corpo: Autopercepção; 2) Meu corpo: Imperativos Sociais; 3) Meu corpo e a sociabilidade; 4) Meu corpo autolesionado e 5) Significados da autolesão para profissionais da educação.

**Palavras-chave:** Adolescência; Autolesão não suicida (ALNS); Ciências Sociais.

## ABSTRACT

This research investigated the meaning attributed by adolescent girls to the practice of non-suicidal self-injury and sought its basis in the social sciences. The objectives of the research were: a) to understand the phenomenon of non-suicidal self-injury among adolescents based on their understanding of this social phenomenon; b) investigate the subjective motivations for practicing Non-Suicidal Self-Injury (ALNS) among students at the Elementary Education Center in Brasília; c) evaluate risk and protection indicators for the incidence of the phenomenon of self-harm. A qualitative approach was used with the application of the focus group technique. The research was carried out in an Elementary Education Center in Brasília and the following participated in the research: 4 teenagers, an educational counselor and a school psychologist. Its theoretical foundation was the work "The Era of Emptiness", by Lipovetsky; the concepts of Content and Form in Simmel's socialization; the Subject of tiredness, described by Chul Han and the anxious generation, by Haidt. The work highlighted the feeling of relief as the main meaning attributed to the practice of non-suicidal self-injury. There were five categories for analyzing the results: 1) My body: Self-perception; 2) My body: Social Imperatives; 3) My body and sociability; 4) My self-harmed body and 5) Meanings of self-harm for education professionals.

**Key-words:** Adolescence; Non-suicidal self-injury; Social Sciences.

## LISTA DE SIGLAS

ALNS	Autolesão não suicida
CAP	Centro de Atenção Psicossocial
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior
CEF	Centro de Ensino Fundamental
COVID - 19	Doença por Coronavírus 2019
DSM 5 TR	Manual Estatístico e Diagnóstico de Transtornos Mentais Texto Revisado
ECA	Escala de Comportamento de Autolesão
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....</b>	<b>19</b>
<b>2. PROBLEMA .....</b>	<b>28</b>
<b>3. OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 Objetivos específicos .....</b>	<b>29</b>
<b>4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>29</b>
<b>5. METODOLOGIA .....</b>	<b>35</b>
<b>6. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>38</b>
<b>6.1 Meu corpo: Autopercepção .....</b>	<b>40</b>
<b>6.2 Meu corpo: Imperativos sociais .....</b>	<b>41</b>
<b>6.3 Meu corpo e a sociabilidade .....</b>	<b>42</b>
<b>6.4 Meu corpo autolesionado.....</b>	<b>43</b>
<b>6.5 Significados da autolesão para profissionais da Educação .....</b>	<b>47</b>
<b>7 DISCUSSÃO .....</b>	<b>51</b>
<b>7.1 Meu corpo: Autopercepção .....</b>	<b>52</b>
<b>7.2 Meu corpo: Imperativos Sociais.....</b>	<b>55</b>
<b>7.3 Meu corpo e a sociabilidade .....</b>	<b>57</b>
<b>7.4 Meu corpo autolesionado.....</b>	<b>60</b>
<b>7.5 Significados da autolesão para profissionais da educação .....</b>	<b>63</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>74</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A temática sobre autolesão não suicida (ALNS) tem tomado proporções significativas. São inúmeras reportagens, vídeos na internet, bem como estudos no meio científico. Basta uma rápida pesquisa no *Google Scholar* e teremos acesso a mais de 2.100 publicações.

Todavia, essa não é uma temática da contemporaneidade. Palau e Assumpção (2017) nos lembram dos autoflagelos praticados por religiosos na Idade Média. Naquela época o catolicismo reprimia veementemente a preocupação das pessoas com o corpo. Essa repreensão partia do pressuposto que o corpo era sinônimo de perversidade e que de alguma forma precisava ser dominado e purificado por meio das autopunições, já que era nesse corpo que a alma se perdia.

Assumpção (2016) comenta que essa relação com o corpo estava relacionada com a experiência terrena e material. Para livrar-se dessa prisão da alma o corpo precisava ser purificado, dominado em suas paixões para alcançar o perdão dos seus pecados e a salvação. Essa mortificação corporal estimulava a piedade e de alguma maneira, acreditava-se, ser um caminho para acalmar os ardores intempestivos da alma, uma maneira de purificar-se das “más inclinações do corpo”. O autor acrescenta que a dor autoprovocada era vista como um meio de adquirir créditos com Deus e conseqüentemente alcançar o perdão dos pecados.

Séculos depois, essa temática, da dor física autoprovocada, tem ganhado repercussão mundial com os casos crescentes de autolesão não suicida, principalmente entre os adolescentes. Recentemente, em fevereiro do presente ano, a página na internet da FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz – divulgou uma pesquisa, realizada com colaboração de pesquisadores da Universidade de Harvard, uma análise de um conjunto de quase 1 milhão de dados, extraídos de três sistemas do Ministério da Saúde: Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), Sistema de Informações Hospitalares (SIH) e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). O estudo foi conduzido pelo Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde, CIDACS, da Fiocruz da Bahia.

A pesquisa revela que entre os anos de 2011 e 2022 houve aumento de 29% nas notificações por autolesão na faixa etária de 10 a 24 anos de idade, por ano compreendido na pesquisa. A íntegra da pesquisa foi publicada no *The Lancet*

*Regional Health – Americas*. O estudo aponta ainda que em 2022 (ano pós pandêmico Covid-2019) houve aumento nas taxas de notificações de todas as faixas etárias no Brasil, de 10 anos até acima dos 60 anos de idade.

De acordo com Alves (2024), em entrevista à rede de notícias CNN Brasil, os esforços dos pesquisadores é voltado para que a amplitude dos dados extraídos dos três sistemas, algo inédito no Brasil, contribua de maneira significativa na elaboração de novas estratégias de políticas públicas de prevenção a autolesão e suicídio.

Alves (2024) destaca que ao longo dos estudos foi possível associar o aumento no número de autolesões como reflexo da crescente desigualdade social e da prevalência de transtornos mentais, com toda a cautela necessária nessa análise pela compreensão de tratar-se de um fenômeno multifatorial.

Partindo da premissa dos fatores multifatoriais desencadeantes da prática da autolesão não suicida, o antropólogo francês Le Breton (2010) traz uma hipótese intrigante: para ele, a pessoa que se corta está longe de colocar sua vida em perigo. Para Le Breton (2010, p.29) “O corte é um freio que serve como contentor, uma cura para não morrer, não desaparecer no colapso de si.”

A partir desse entendimento que a prática da autolesão não suicida pode ser compreendida como um “tratamento” para não morrer e a busca por ampliar o conhecimento dos significados que os adolescentes que praticam autolesão não suicida atribuem a esse fenômeno social, é que germina este trabalho.

A inspiração para o tema surgiu em setembro de 2021, quando fui convidada pela direção de um Centro de Ensino Fundamental em Brasília (CEF) para um momento com os alunos. Por atuar como psicóloga, palestrante e professora universitária, convites para participar de encontros com a temática de saúde mental é frequente em meu trabalho.

A proposta feita pela Direção da escola foi de promover rodas de discussões com os alunos, voltadas para a temática de prevenção ao suicídio, em alusão à campanha Setembro Amarelo. O trabalho, que à princípio teria duração de duas semanas, estendeu-se e tem como fruto a produção deste estudo científico.

O primeiro contato com os alunos deu-se em momento peculiar: havia menos de 30 dias que a escola havia retomado as atividades presenciais, após o período de quarentena, imposto pela pandemia COVID-19. Naquele momento surgiram dados de extrema relevância sobre a prática de autolesão não suicida entre alunos da escola.

Ao serem convidados a responderem por escrito, de forma anônima, sem qualquer dado que pudesse identificá-los, duas perguntas. A primeira: “Me sinto cheio de esperança quando...” e a segunda: “Se pudesse jogar no lixo as coisas que já ouvi ao meu respeito, eu jogaria essas frases:”

As respostas foram reveladoras e as que mais se destacaram serão compartilhadas aqui, com todo o critério para que os alunos não sejam identificados. Para garantir a confidencialidade dos alunos que participaram da dinâmica não serão compartilhados dados que possam identificar em qual Centro de Ensino o trabalho foi realizado.

Na condução da dinâmica os alunos foram encorajados a falarem sobre suas emoções e foi quando a temática de autolesão não suicida surgiu de maneira espontânea, com o compartilhar dos alunos que faziam acompanhamento psicoterápico para tratarem esse sintoma. Eles relataram quais partes do corpo usavam para praticar a autolesão e oito alunos não conseguiram lidar com os conteúdos de sofrimento que enfrentavam e tiveram crise de choro incontrolável durante a dinâmica, o que demandou intervenção com atendimento individualizado.

**Tabela 1: O que traz esperança**

<b>Me sinto cheio de esperança quando...</b>
“quando tiro 10 na escola, quando ganho parabéns do meu professor”
“nada”
“quando faço minhas maquiagens artísticas (quando dá certo)”
“nada”
“quando ganho alguma coisa ou quando recebo atenção e carinho de alguém especial.”
“tô (sic) jogando”
“concluir desenhos e viver de verdade.”
“estou conversando com deus.”
“quando eu faço algo e consigo fazer.”
“quando acho que as coisas iriam melhorar ou quando achava que iria ficar melhor.”
“me elogiam, tentam se aproximar de mim, querem realmente me conhecer e não me interrompem ou ignoram.”

“sei que vou reencontrar ele em breve.”

“quando eu durmo, a única hora do dia/noite em que eu sei que ninguém vai me ofender e que eu vou poder descansar.”

“quando chego em casa e encontro minha mãe.”

“jogo futebol.”

“a minha raiva se dispersa pelo meu corpo.”

“quando *tô* (sic) com os meus amigos, quando escuto música e quanto *tô* no meu mundo.

“que tudo vai ficar bem e não fica.”

“quando minha mãe e a minha irmã me *entende* (sic), me *apoia* (sic) com alguma coisa.”

“quando minha família está junta sorrindo.”

“quando alguém me entende (o que é raro).”

“quando alguém me motiva a fazer alguma coisa que eu quero fazer.”

“quando me arrumo.”

“me dão atenção.”

“nenhum.”

“quando *tô* (sic) com minhas amigas.”

“quando minha mãe fala uma notícia boa.”

“quando eu fico com o meu pai.”

“quando *tô* (sic) fazendo uma prova.”

“não sei.”

“quando estou feliz. Felicidade, amigos, deus.”

“quando vou a igreja.”

“quando estou com pessoas que eu amo.”

“quando eu treino ou corro.”

“quando minha mãe me deixar fazer algo.”

“me dá esperança quando vejo minha família feliz, quando vejo o sorriso da minha prima, vejo que dá *pro* (sic) mundo ser melhor.”

“quando percebo que existem pessoas que se importam comigo e que me ajudariam em qualquer momento.”

“quando eu falo com Deus. Meu dia pode estar horrível, mas acontece algo que me faz bem ou alguém percebe e vem tirar um sorriso do meu rosto.”

“quando minha mãe ou meu pai me motivam a fazer uma coisa que eu tenho vergonha de fazer, isso me dá esperança.”

“quando vejo o privilégio que tenho ao ter uma família unida. Por não passar por necessidade. Por saber que Deus se importa comigo.”

“quando viajo.”

“quando tenho tempo para sair com meus pais ou familiares porque geralmente meus pais não têm tempo *pra* (sic) mim.”

“quando tenho sonhos acordada, escrevo um pouco do meu livro ou leio.”

Tabela 2: O que traz sofrimento

**Se pudesse jogar no lixo as coisas que já ouvi ao meu respeito, eu jogaria essas frases:**

“você não faz nada e tá cansada. você é inútil. você não presta. ninguém gosta de você. você é muito chata”

“você deveria emagrecer, ter uma boa aparência, ninguém vai te querer assim. pare de chorar você não tem motivos para estar triste.

“que a comunidade LGBTQ+ não deveria existir ou algo assim. Quando alguém é racista.”

“nossa você está gordo, nossa come tanto, os seus dentes são muito tortos, meu deus você nunca viajou para a praia? por que você não faz igual a fulano que só tira notas boas? nossa, seu irmão é destaque, por que você não faz o mesmo?”

“você é um *merda* (sic), não vai chegar a lugar nenhum.”

“que eu era gay.”

“você não é capaz de nada.”

“seu lixo, otário (sic), por que não se mata logo, ninguém te quer aqui.”

“que eu sou chato, insuportável.”

“quando fala que eu sou feio ou que não presto.”

“você é gorda, feia, burra.”

“tenho depressão.”

“sua *puta* (sic), nem os anjos te amam, vai morrer sozinha.”

“sobre minhas pernas, que são muito finas, sobre meus dentes.”

“que sou feia, que não presto e que nem sei pra que você nasceu.”

“sou a decepção de casa. minha mãe falando que eu tinha que ser filho de mendigo.”

“até uma criança de dois anos faz mais coisas que você. para de ser burra.”

“você é mais um peso na minha vida.”

“você não faz nada, só sabe ficar nesse quarto, você tem tudo o que você quer, mau agradecido.”

“seu ruim, você não vai dar conta.”

“você é um lixo, deveria ter morrido.”

“você é uma vergonha, não sabe fazer nada, tudo que você diz é besteira.”

“que eu sou incapaz, insuficiente, *tapada* (sic),..”

“dizem que não presto pra nada, sou inútil, me ignoram, julgam o meu corpo, se afastam do nada.”

“ficar sendo comparada com os outros é uma coisa chata... ah porque ciclano é mais novo e faz isso, isso e aquilo e você não faz nada.”

“você nunca vai conseguir. sabia que pessoas brancas são melhores que as morenas?”

“estranha, feia, burra, sem noção, doente, louca, atrapalhada, magra demais.”

“nossa, como você *tá gorda* (sic). você parece uma doente mental, deveria ser internada.”

“eu te odeio.”

“vai emagrecer.”

“quando a pessoa não respeita a cor da pessoa e quando as pessoas *fica* (sic) chamando as pessoas *di* (sic) *burra* (sic), por quê tem dificuldade de aprender.

“não gosto de ouvir sobre minha aparência.”

“você não faz nada direito.”

“meus pais falando sobre o cristianismo, sobre Deus e *tals* (sic).”

“quando falam, sem eu perguntar, sobre o meu corpo/vida.”

“nunca gostei de usar sunga. Então aos 14 anos decidi usar um short. Quando disse isso para alguém próximo ela disse é *mimimi* (sic) mesmo eu dizendo que não gosto de sunga.

“insuficiente”

“pegou a cachorra da rua, nojenta.” “*Ei gatinha* (sic)”. “*Oh lá em casa* (sic),” “Você é incapaz”. “Sei fosse você não faria isso, você não consegue.”

“que não era para chorar porque homem não chora ou que gostar de vôlei é coisa de menina. Não gostaria de jogar nada fora porque elas me ajudaram para eu não ser machista e que qualquer esporte pode ser feito por homem ou mulher.”

“eu escuto pessoas falando que o coronavírus não existe e que não precisa usar máscara e quero jogar isso no lixo.”

“você confia mais nos seus amigos do que na sua mãe? Vocês sabe que eles vão te abandonar.”

“solta os gatos, coloca ração *pro* cachorro. Você não estuda nem um pouco.”

“quando das pessoas falam sobre minha timidez ou que eu *devia me soltar mas*. (sic)”

“não gosto de ouvir quando as pessoas falam que sou gay porque ando com meninas.”

“não vai dar tempo.”

“que não vou conseguir realizar o meu sonho que é ser médica.”

“eu odeio quando alguém fica falando comentários machistas, homofóbicos e racistas. Principalmente quando vem do meu pai.”

“que gays vão para o inferno.”

“chata, feia, burra, idiota, retardada, intrometida, sem talento, *gorda* (sic), ignorante, decepção da família, brega, cabelo ruim, não sabe fazer nada, inútil, *mongol* (sic), sem amigos, insuportável.”

“sem testa, testa amassada, testa ambulante, sem futuro, deficiente, doente, vagabundo, quer nada com a vida, cabeça deformada, garoto de rua, egoísta, frio sem coração, psicopata, lixo, nunca queria ter dado a luz a você, você poderia nunca ter nascido, você só traz tristeza, você não serve pra nada, poderia ter morrido no acidente. Corpo morto, não precisamos de você, nunca vai ser um atleta, não consegue nem *cabecear* (sic), nunca será um velocista, não se importa com nada, *cai na real* (sic).”

“porque você não alisa seu cabelo? Você vive dizendo que está cansada, mas, não faz nada. Você não se parece em nada com a sua mãe. Eu tenho certeza que você não consegue.”

O trabalho de pesquisa foi estruturado da seguinte forma:

No capítulo 01 foi realizada uma apresentação geral sobre a temática. Pretendeu-se expor os aspectos gerais que foram motivadores para esse trabalho; um breve levantamento de publicações já existentes sobre autolesão não suicida entre adolescentes e os objetivos da pesquisa.

No capítulo 02 foi apresentada a escolha da fundamentação teórica dos cientistas sociais utilizados na análise dos resultados. O capítulo 03 é voltado para o detalhamento da metodologia e os procedimentos adotados para coleta e análise de dados, além dos aspectos éticos observados para a execução da pesquisa.

Nos capítulos 04 e 05 foram desenvolvidas a análise e discussão dos casos. Foram compartilhados os relatos das participantes, indicando os temas que foram organizados para analisar e produzir os dados. Os capítulos foram voltados para articulações entre os dados produzidos através das entrevistas com os conceitos das ciências sociais

No capítulo 06 foram expostas as considerações finais da pesquisadora a partir dos resultados verificados durante a pesquisa. Do mesmo modo, foram apontados os aspectos concernentes aos objetivos, além de oferecer sugestões para a realização de pesquisas futuras que se debrucem sobre a mesma temática.

## 1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Confrontada pela inquietude vinda dos relatos dos adolescentes, me propus a buscar respostas para compreender os significados que os adolescentes atribuem à prática da autolesão não suicida, a partir de uma fundamentação teórica das ciências sociais.

O tema da autolesão suicida em adolescentes ainda é incipiente nas Ciências Sociais. Em consulta à base de dados da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - nota-se, principalmente, o interesse da psicologia e da enfermagem no assunto.

A pesquisa das palavras chaves 'autolesão não suicida entre adolescentes' no *Google Scholar* resulta em 2.100 publicações. Ao associar os descritores 'autolesão não suicida' and 'ciências sociais', O *Google Scholar* traz 2.120 resultados. Já com o jogo de palavras 'autolesão não suicida' and 'contemporaneidade' and 'adolescentes' aparecem 925 publicações.

Aprofundando a pesquisa no site da CAPES os números se apresentaram de maneira bem diferente aos resultados obtidos *Google Scholar*. A combinação das palavras autolesão não suicida entre adolescentes resulta em apenas 20 artigos, com prevalência de 9 desses artigos na área da enfermagem e os demais com enfoque nas áreas de educação e psicologia.

Ao lançar as palavras contexto sócio-histórico autolesão não suicida adolescência a CAPES traz 28 publicações. Esse número é expressivamente reduzido com a pesquisa das palavras identidade adolescência autolesão, gerando apenas dois artigos: um da área de Ciências Humanas e Sociais e o outro da Psicologia.

Ainda na busca de conhecer os estudos já realizados dentro das Ciências Sociais com a temática de autolesão não suicida entre adolescentes, busquei a combinação das palavras adolescência autolesão vulnerabilidade social, porém o resultado não trouxe nenhuma publicação.

Por fim, a busca usando as palavras: sociedade adolescência autolesão não suicida trouxe apenas três artigos, sendo dois de pós-graduação em enfermagem e um em saúde da família.

Ao utilizar a expressão "o corpo na contemporaneidade" o resultado é reduzido para 19 artigos. Já a junção das palavras corpo, sociedade e saúde pública traz o número de 492 trabalhos.

Importante destacar que as pesquisas supracitadas no portal da CAPES abrangeram as publicações entre os anos de 2019 e 2022. O resultado desse mapeamento é incentivador para o quanto as Ciências Sociais podem contribuir com a temática que envolve a prática de autolesão não suicida entre adolescentes.

A pesquisa trouxe artigos que fazem menção a teoria do Interacionismo Simbólico de Herbert Blumer e George Herbert Mead, todavia sem aprofundamento da teoria numa correlação com o fenômeno social da autolesão não suicida em adolescentes. Tais artigos exploraram relações de gênero, autoimagem e influência das mídias na autoaceitação corporal.

O artigo *Autolesão na Adolescência sob a perspectiva Bioecológica de desenvolvimento humano*, de autoria de *Santo, M. A. d. S., & Dell'Aglio, D. D. (2022)*, sendo esta educadora e aquela psicóloga, apesar de não estar inserido diretamente na cosmovisão das Ciências Sociais é provocativo para, enquanto cientistas sociais, investigarmos as possíveis relações dos macrossistemas e exossistemas atuando

direta ou indiretamente na prática do comportamento autolesivo, ou seja, no nível micro de atenção. As autoras explicam o modelo proposto por Bronfenbrenner (2011) sobre aspectos biopsicossociais interagindo no desenvolvimento humano:

O modelo bioecológico de desenvolvimento humano permite compreender a interação constante e recíproca do sujeito em desenvolvimento com os sistemas – diretos e indiretos – aos quais pertence. Para tanto, foi proposto o modelo processo--pessoa-contexto-tempo (PPCT). O processo se refere às interrelações estabelecidas pelas pessoas com as quais um sujeito convive por meio dos sistemas e ao longo do ciclo vital, com interações recíprocas e progressivamente mais complexas. A pessoa é a dimensão que contempla características biopsicossociais de um humano, que afetam e são afetadas pelas relações estabelecidas com o ambiente, em todos os níveis dos sistemas. O contexto envolve a multiplicidade de ambientes em que um sujeito está inserido e que podem ser entendidos como microsistema (ambientes imediatos), mesossistema (interação entre os microsistemas), exossistemas (ambientes em que não se está em contato direto, mas que igualmente influenciam no desenvolvimento) e macrosistema (valores culturais e morais). Finalmente, temos o tempo como dimensão de um contínuo de transformações e constâncias ao longo dos ciclos de vida. (Santo, M. A. d. S., & Dell'Aglio, D. D., 2022, p.6).

As autoras citam a necessidade de maior investigação de aspectos culturais da autolesão não suicida, bem como nos instigam a avaliar o papel mediador e moderador dos fatores de proteção na condução autolesiva. Elas também nos provocam a investigar de que forma os adolescentes estão sendo vistos e inseridos socialmente e de que maneira o seu protagonismo tem sido incentivado ou mitigado.

Outro artigo que traz contribuições relevantes para a discussão da temática de autolesão não suicida em uma perspectiva das Ciências Sociais é o intitulado “Autolesão não suicida na adolescência e a atuação do psicólogo escolar”. Nesse artigo a I.M Santa'nna (2022) enfatiza a importância de se olhar a prática da autolesão dentro do contexto sócio-histórico e faz referência a Vygotsky e seus construtos teóricos, de origem marxista, acerca da compreensão dialética da relação entre indivíduo e seu contexto histórico social, partindo do princípio que o homem só pode ser entendido como constituído na trama das relações sociais.

Ainda dentro da perspectiva sócio-histórica de Marx & Engels, a dissertação de mestrado de Lorenzetti (2021) intitulada ‘Autolesão não suicida em idade escolar: uma agressão que conforta?’ baseia-se nos pilares da Psicologia Histórico-Cultural e a Teoria do Desenvolvimento para compreensão da prática autolesiva entre adolescentes.

A autora destaca uma das bases metodológicas de Marx que nos instiga a buscar explicações comportamentais para além da influência genética e biológica do organismo. Ampliar o olhar para as mudanças que ocorrem na sociedade e na realidade, a partir de eventos decorrentes do contexto sócio-histórico, produzem uma mudança na consciência e no comportamento da chamada “natureza humana” (Lorenzetti *apud* Cole & Scribner, 1991).

Lorenzetti (2021) retoma a teoria socioconstrutivista de Vygotsky e sua relevância para compreensão do desenvolvimento humano:

(...) é a partir da vivência humana dentro de um determinado contexto, que será possível determinar a sua influência no desenvolvimento posterior. “É a vivência que auxilia a compreensão das peculiaridades que desempenharam um papel na definição da relação do sujeito com uma dada situação” (Lorenzetti *apud* Vygotsky, 2018, p.12).

A autora cita Souza & Andrada (2013) destacando o aspecto social que o homem está inserido como fonte de desenvolvimento e não apenas um fator de influência. Assim, esse indivíduo se configura como um sujeito histórico, que precisa ser investigado a partir da sua totalidade, da sua consciência e de suas funções psicológicas superiores, como defendido por Vygotsky.

O resultado do estudo traz 12 categorias de respostas dos adolescentes que participaram da pesquisa, a saber: Realização e concretização do grupo; A autolesão Não Suicida (ALNS); presenciar ou sofrer algum tipo de Violência; presenciar ou viver conflitos; Autoestima/autoimagem e identidade; Aspectos Socioemocionais; Momento do desenvolvimento; Limitações do campo; Fortalecimento Individual; Ideações suicidas; Psiquiatria e medicamentos; Impactos da Pandemia.

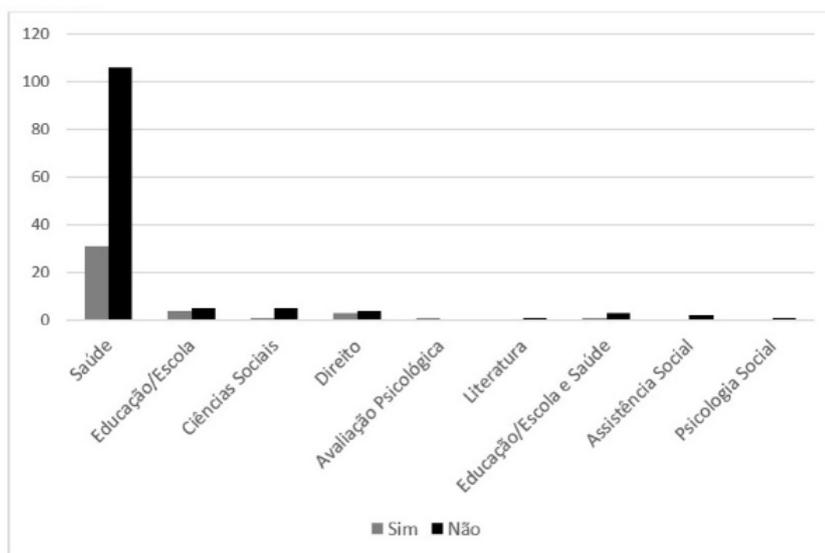
O trabalho contribui ao abordar fatores de risco para a autolesão e possíveis fatores de proteção. Como fatores de risco aparecem: isolamento; falta de rede de apoio na família, amigos e escola; falta de espaços que possibilitem a expressão e ofereçam escuta; situações de violência em suas diversas formas que acarretam prejuízo a autoimagem e autoestima; falta de diálogo com a família; a pandemia do Corona Vírus 19 e a reação alarmista às lesões que geram culpa e vergonha no adolescente.

Já os fatores de proteção levantados são: participar de coletivos fortalecidos; ter espaço para falar sobre a autolesão não suicida; dispor de uma escuta acolhedora e profissional que fuja do alarmismo; ter um profissional de psicologia na escola que

saiba lidar e orientar casos de autolesão não suicida; desenvolver políticas que impactam diariamente na vida cotidiana dos indivíduos e ampliar as diferentes redes de apoio e diálogo (amigos, familiares e professores).

Por fim, para mostrar o quanto as Ciências Sociais ainda tem muito o que avançar em pesquisas sobre autolesão não suicida, segue gráfico elaborado por Lorenzetti, Silbiger e Guzzo (2023) em pesquisa de revisão sistemática integrativa da literatura:

**Gráfico 1- Pesquisa de Revisão Integrativa**



Fonte: A Autolesão Não Suicida: uma revisão de literatura e a defesa da descolonização do termo. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/58674/40354>

A relevância do presente estudo respalda-se pela necessidade crescente em abordar o tema saúde mental nas escolas, bem como desenvolver políticas públicas de saúde mental específicas para adolescentes.

A temática de autolesão não suicida carece de estudos para melhor compreensão da realidade brasileira, tanto para identificar fatores de risco, quanto de proteção. Ao pesquisar dados epidemiológicos sobre autolesão não suicida no Distrito Federal está acessível ao público o Relatório da Etapa Distrital da pesquisa sobre a atuação de psicólogas (os) nas Políticas Públicas de Prevenção e Posvenção do Suicídio e da Autolesão, disponibilizado pelo Conselho de Psicologia do Distrito Federal, com dados mais recentes datados de 2019.

A pesquisa feita pelo Conselho Regional de Psicologia/DF utilizou de buscas nos sistemas de informação do Ministério da Saúde e trouxe os seguintes números:

**Tabela 3 – Registros no Sistema de Informações de Agravos de Notificação – SINAN, no DF entre 2017-2019**

<b>Lesão autoprovocada</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>Total</b>
<b>Sim</b>	<b>702</b>	<b>1796</b>	<b>3375</b>	<b>5813</b>
Não (violência interpessoal)	1841	2147	2370	6358
Ignorada	556	393	259	1208
Em branco	31	40	12	73
<b>Total</b>	<b>3130</b>	<b>4366</b>	<b>6016</b>	<b>13512</b>

Percebe-se que os registros de lesão autoprovocada, na linha “Sim”, aumentam significativamente ao longo dos anos, e sua ordem de crescimento supera, inclusive, a dos registros de violência interpessoal. Destaca-se ainda o fato desses números retratarem uma realidade que antecedeu o cenário de pandemia vivenciado a partir de 2020, com o COVID-19.

No Distrito Federal, existe a Política Distrital de Prevenção do Suicídio desde 2012, e está em vigor o Plano Distrital de Prevenção do Suicídio 2020- 2023. Este Plano teve como uma das metas a oficialização de um Comitê Permanente de Prevenção do Suicídio da Secretaria de Estado da Saúde do DF, o que ocorreu em dezembro de 2019.

O Comitê Permanente de Prevenção do Suicídio da Secretaria de Estado da Saúde do Distrito Federal é formado por representantes do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), do Hospital Psiquiátrico, dos serviços ambulatoriais, de unidades do CAP (Centro de Atenção Psicossocial) e da Subsecretaria de Vigilância à Saúde.

A Presidente do Comitê Permanente de Prevenção do Suicídio, a psiquiatra Fernanda Benquerer destacou, por ocasião do lançamento do Manual de Orientações para o Atendimento à Pessoa em Risco de Suicídio, que a pandemia de COVID-19 trouxe fatores de risco adicionais à saúde mental e que somente com estudos mais apurados serão percebidos os impactos da pandemia nos riscos de suicídio.

Um ano antes da pandemia, a Sociedade Brasileira de Pediatria, já preocupada com o aumento na frequência e gravidade dos comportamentos autoagressivos na

adolescência, lançou um Guia Prático intitulado “Autolesão na adolescência – como avaliar e tratar.”. Este Guia faz uso da Escala de Comportamento de Autolesão (ECA) adaptada para o Brasil por Giusti em 2013, que estabelece os seguintes níveis de gravidade:

**Leve** - morder a si mesmo ou realizar vários arranhões na pele;

**Moderada** - bater em si mesmo propositalmente, arrancar cabelos, inserir objetos embaixo da unha ou sob a pele, ou fazer uma tatuagem em si mesmo sem a conotação socialmente convencionada;

**Grave** - cortar ou fazer vários pequenos cortes na pele, queimar-se, beliscar-se ou cutucar áreas do corpo até sangrar intencionalmente.

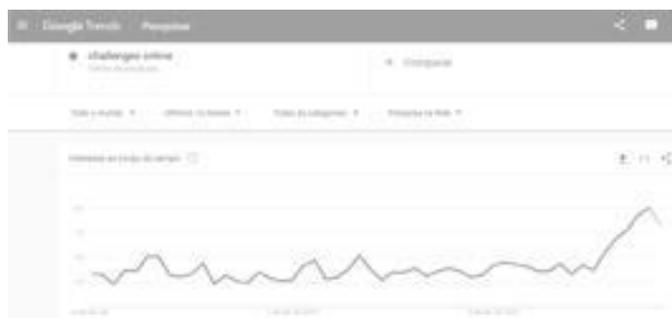
Ainda no ano de 2019, o Brasil aprovou e sancionou a Lei Federal nº 13.819 que instituiu a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio e que, de forma resumida, tem como objetivo: promover a saúde mental; prevenir a violência autoprovocada; controlar os fatores determinantes e condicionantes da saúde mental; garantir o acesso à atenção psicossocial das pessoas em sofrimento psíquico agudo ou crônico, especialmente aquelas com histórico de ideação suicida, automutilações e tentativa de suicídio.

A referida lei prevê ainda que os casos suspeitos ou confirmados de violência autoprovocada precisam ser notificados compulsoriamente às autoridades sanitárias pelos estabelecimentos de saúde, sejam públicos ou privados, bem como os estabelecimentos de ensino públicos e privados devem notificar o respectivo conselho tutelar.

A prática de violência corporal autoinduzida pode estar associada a diversos fatores ambientais, culturais e orgânicos. Segundo Harrington (2001), a autolesão deliberada na adolescência está relacionada a problemas ou condições estressantes que se manifestam de modo momentâneo ou contínuo, tais como: conflitos familiares, rejeição por parceiros, baixo rendimento, retenção escolar, abuso sexual, exposição indevida nas redes sociais ou em casos de violência sistemática, como o bullying. O indivíduo que recorre a automutilação apresenta dificuldades no enfrentamento de situações-problema, na regulação dos afetos e frente às dificuldades emocionais, sociais e existenciais inerentes do próprio processo de subjetivação. Neste sentido, a autolesão é um fenômeno psicossocial que pode ocorrer em diversas faixas etárias,

contudo, como foi mencionado, nossas análises indicam que sua manifestação ocorre com maior incidência no período da adolescência ou juventude.

**FIGURA 1** Distribuição de buscas online para Selfharm, janeiro de 2019-janeiro de 2022.



Fonte: O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas.

A autolesão é um fenômeno heterogêneo que está associado a vários fatores precipitantes e acompanhado por experiências subjetivas que se constituem problema de saúde coletiva e afetam o processo de desenvolvimento do sujeito (Giusti, 2013; Garreto, 2015), isso, por si só, já demonstra a importância da temática em relação à sociedade contemporânea. A adolescência, por sua vez, é um período de maturação que se constitui num fenômeno cultural, sociopolítico e histórico, marcada por mudanças físicas, hormonais, psíquicas e sociais (Van de Graff, 2012) que refletem o processo do desenvolvimento integral do ser-humano. Cada indivíduo é constituído por narrativas, artefatos, mecanismos, cujo fim “deve ser buscado no próprio sujeito, na relação de si para consigo” (Foucault, 1985).

A autolesão se constitui num fenômeno cultural - com forte alerta para a saúde coletiva - que impulsionou a formulação de novas políticas públicas, que visam o gerenciamento da vida das populações e a produção de discursos e saberes estatísticos, como tecnologia de governo. No Brasil, a lei 13.968/19 criminalizou a indução à automutilação, alterando e ampliando a redação original do artigo 122 do Código Penal. Além disso, o Governo Federal instituiu a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio a ser implementada pela União, em colaboração com os Estados e Municípios. O plano, entre outras determinações, estipula que as Escolas notifiquem ao Conselho Tutelar local os casos de violência

autoprovocada e regula a divulgação de informações relacionadas ao tema. Não obstante a legislação que busca cercear os discursos e práticas da violência de si, o espaço das redes sociais parece-nos viver alheio a toda normativa.

Ali, nessa ágora contemporânea, crianças e adolescentes narram suas experiências e vivências com a autolesão, ao mesmo tempo em que estimulam e ensinam a outros jovens a praticar a violência auto infligida. São narrativas sobre o prazer da autolesão, com dicas para se chegar a sua efetivação, indicando os melhores pontos do corpo humano e instrumentos a serem adotados. Algumas publicações encorajam crianças e adolescentes a praticarem escoriações até que o sangue se faça presente e há, ainda, relatos de tentativas frustradas de parar, recaídas e alusão ao prazer inicial que se tornou um tormento inevitável.

Diversas práticas que, anteriormente, possuíam funções sociais e representações distintas entre si foram reduzidas a uma só categoria: a das mutilações, alocadas no campo do patológico. Foi o saber médico – e o seu efetivo processo de patologização – que definiu quais inscrições corporais devem ou não ser escritas no rol das automutilações.

A Cartilha para Prevenção da Automutilação e do Suicídio (Orientações para educadores e profissionais da saúde) elaborada pelo Ministério da Saúde e lançada em 2020 traz essa diferenciação e cita no rol do que não é considerado automutilação: o uso de brincos, *piercing*, tatuagens ou lesões feitas como parte de rituais religiosos. Esses comportamentos são socialmente aceitos.

A Cartilha traz dados da pesquisa realizada pelo psicólogo americano Matthew Nock e outros pesquisadores e detalha as funções da autolesão não suicida em níveis intrapessoais e interpessoais. No comportamento intrapessoal aparece as funções de regulação emocional e punição. Já a espera interpessoal estaria voltada para as funções de comunicar o nível de angústia, influência interpessoal e punição aos outros.

O material é de grande relevância pois, de maneira didática, compartilha formas dos profissionais da saúde e educação abordarem a temática autolesão não suicida com adolescentes de maneira não estigmatizada, mas pautada em dados científicos. Além disso é uma excelente fonte de informação dos fatores que aumentam o risco de autolesão e aspectos de proteção que colaboram na redução dos riscos da autolesão não suicida.

## **2. PROBLEMA**

Que significados os adolescentes que vivenciam a autolesão não suicida atribuem a essa prática?

### **3. OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral da pesquisa será investigar os significados que os alunos do Centro de Ensino Fundamental em Brasília atribuem à prática de autolesão não suicida.

#### **3.1 Objetivos específicos**

- a) Compreender o fenômeno da autolesão não suicida entre adolescentes a partir do entendimento que estes dão a esse fenômeno social.
- b) Investigar as motivações subjetivas para a prática da Autolesão Não Suicida (ALNS) entre os alunos do Centro de Ensino Fundamental de Brasília.
- c) Avaliar indicadores de risco e de proteção para a incidência do fenômeno da autolesão.

### **4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A adolescência é uma fase do ciclo de desenvolvimento humano marcada por intensas e profundas transformações psíquicas, físicas, sociais e culturais. A maturação biológica e o desenvolvimento cognitivo são um ‘chamado’ para a responsabilidade. O repertório de crenças, valores, princípios, interesses e vontades elaborado desde os primeiros anos de vida é confrontado diante de um luto da infância e do despertar da vida adulta.

Analisar a evolução das características da adolescência ao longo da história é crucial para compreender as referências desse ciclo de desenvolvimento que temos na contemporaneidade. O artigo “Adolescência através dos séculos” de Shoen-Ferreira e Aznar-Farias (2010) traz uma rica contribuição sobre a forma de compreensão do adolescer ao longo da história. Segundo Melvin e Wolkmar (1993) *apud* Shoen-Ferreira e Aznar-Farias (2010) a palavra adolescência tem origem no latim “*adolecere*” e significa crescer e teria sido usada pela primeira vez na língua inglesa, no ano de 1430.

O olhar distinto para a adolescência como uma fase do ciclo vital do desenvolvimento é um fato recente na história, sendo reflexo dos acontecimentos sociais, demográficos e culturais dos séculos XIX e XX, como destacam Kimmel e Weiner *apud* Shoen-Ferreira e Aznar-Farias (2010). Estas autoras relembram que a ideia de compreender o desenvolvimento humano a partir de fases da vida é uma influência de Aristóteles, na Idade Média, que defendia a existência de três fases distintas do desenvolvimento, divididas por períodos de sete anos. A primeira idade ia do nascimento até os sete anos de idade. A segunda, dos sete aos 14 anos de idade e a terceira, dos 14 aos 21 anos, onde a pessoa estaria pronta para procriar.

Nesse artigo as autoras destacam que no século XVIII o que diferenciava a adolescência da infância era o quanto se era dependente ou independente enquanto sujeito, por esse motivo as pessoas começavam a trabalhar e se casavam muito jovens.

Já no século XX nos períodos que antecederam a Primeira e a Segunda Guerra Mundial a adolescência era vista como uma fase de prostração, indisciplina e preguiça, a serem corrigidas. Na virada do século XXI se manifesta a expressão “Onda Jovem” devido a explosão da taxa de natalidade que ocorreu no início da década de 80. Uma parcela considerável dos jovens se deparou com dificuldades para conseguir ou se manter no emprego além de enfrentarem aumento dos problemas sociais, modificação dos valores sociais, falta de perspectiva e enfraquecimento do poder da família, igreja e comunidade.

Os autores Espindula e Santos (2004) destacam que esse cenário exigiu ações de proteção integral do Estado, com consciência da necessidade de promoção à proteção do desenvolvimento do ser humano, o que favoreceu o olhar sobre a adolescência como um período específico do ciclo vital do desenvolvimento humano.

Se antes se começava a trabalhar na infância, hoje a preocupação é com os estudos. O Estatuto da Criança e do Adolescente garante que o trabalho só será permitido a partir dos 14 anos de idade, na condição de Aprendiz, para que não haja prejuízo no desempenho escolar. Ao mesmo tempo é no ensino médio que estão as maiores taxas de evasão escolar por conta da dificuldade em conciliar estudos e trabalho, logo, se vê semelhança nos desafios enfrentados pelos jovens do século anterior.

A pesquisa tem como base as seguintes teorias das ciências sociais: a de Lipovetsky e seus escritos sobre a hipermodernidade (*Os tempos hipermodernos* – escrito em coautoria com Sebastián Charles) e *A era do vazio*; George Simmel com enfoque nos estudos de Conteúdo e Forma no processo de sociabilidade; Chul-Han com os fundamentos do livro *A sociedade do cansaço* e por fim, Jonathan Haidt na obra *A Geração Ansiosa*.

A escolha de Lipovetsky (2004) para fundamentar a pesquisa se deve, principalmente, aos seus construtos sobre sociedade virtual, uma realidade muito presente no cotidiano dos adolescentes que participam desse estudo. Os adolescentes vivem cercados por uma realidade do exagero, do apelo ao consumo (por vezes sem poder aquisitivo para consumir, o que os frustra), de uma cultura hedonista que se confunde com o hiperconsumo, em que o *ter* vale mais que o *ser*, o que esse ser aparenta possuir. Como frisa Lipovetsky (2004), prevalece a competição – hoje explicitada pelas redes sociais - numa disputa de quem é mais belo, tem mais acesso a lugares paradisíacos, tem mais ‘amigos’, mais *likes*, recebe mais *directs*, usufrui dos últimos lançamentos tecnológicos, da moda do vestuário, dentre tantos outros motivos de corrida para o *ter*.

A sociedade da sedução, que segundo Lipovetsky (2004) dá importância para a conquista e não necessariamente para o permanecer depois dessa conquista, até porque o que se conquistou logo não será mais uma conquista diante de todas as possibilidades que são ofertadas a cada segundo para o indivíduo. Se antes ia ao shopping para ver as tendências das vitrines, hoje tem um universo de vitrines disponíveis na palma de suas mãos, com uma gama de possibilidades infinitas voltadas para o consumo.

Em a “Era do vazio” Lipovetsky (2004) faz uma retomada à era do Renascimento lembrando a beleza do individualismo, quando se começou a trabalhar a perspectiva humanista, o conceito do individualismo como a força que há no ser humano, não como egoísmo indiscriminado. O autor faz uma profunda análise do comportamento humano frente aos vazios que nos acometem e aponta o esvaziamento da individualidade e como pode levar o sujeito a uma exacerbação do mito de Narciso. O sujeito passa a pensar tanto em si mesmo que desconsidera a *relação* com outras pessoas e sua importância.

Como destaca Lipovetsky (2002):

*(...)instaura-se um novo estágio do individualismo: o narcisismo designa a emergência de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo e com o seu corpo, com outrem, com o mundo, com o tempo, quando o capitalismo autoritário dá a vez a um capitalismo hedonista e permissivo (Lipovetsky, 2002, p.88)*

*(...) o Eu deve tornar-se a preocupação central: não importa que a relação seja destruída, contanto que o indivíduo seja levado a absorver-se em si próprio. Assim o narcisismo realiza uma estranha humanização aprofundando a fragmentação social: solução econômica para a dispersão generalizada, o narcisismo, numa circularidade perfeita, adapta o Eu ao mundo de onde este nasce. (Lipovetsky, 2002, p.89)*

Charles e Lipovetsky (2020), no livro *os Tempos Hipermodernos*, citam a vulnerabilidade psicológica como reflexo de uma volatilidade que seria a desestabilização do Eu diante da afirmativa de que o sujeito seria o senhor de si mesmo. Para os autores, a cultura hipermoderna enfraqueceu o poder regulador das instituições coletivas, emergindo a autonomização correlativa dos interventores sociais às imposições de grupo (seja família, cultura de classes, partidos políticos etc.).

Nesse processo de autonomização o indivíduo se mostra cada vez mais aberto, fluído e socialmente independente. Para os autores, quanto menos as normas coletivas deixam de reger o cotidiano mais o indivíduo se mostra desestabilizado. Quanto mais o indivíduo é socialmente inconstante, mais surgem manifestações de esgotamento. Nesse sentido o indivíduo estaria entregue a si mesmo, privado de esquemas sociais que dariam forças interiores capazes de dar enfrentamento às adversidades do existir.

A escolha de Georg Simmel como referencial teórico deve-se à sua rica contribuição no campo da sociologia do indivíduo. Simmel parte de uma perspectiva relacional do social, transpondo a ideia dicotômica indivíduo *versus* sociedade. Essa visão dicotômica na tentativa de compreender os indivíduos e a sociedade pode limitar a amplitude que existe nessa relação. Simmel nos instiga a ir além desse movimento de pêndulo, que ora nos leva para o indivíduo e ora para o outro lado, a sociedade.

Simmel dedica-se aos dois processos de interação entre os indivíduos e suas relações cotidianas. Vale destacar que Simmel foi contemporâneo de Durkheim, mas diferente deste que trouxe contribuições relevantes em análises da macrossociologia, Simmel debruça-se sobre os movimentos intermináveis que as interações sociais produzem e o impacto dessas interações na constituição da sociedade.

A presente pesquisa se utiliza do texto 'A metrópole e a vida mental', escrito em 1903 por Simmel e que consegue traduzir de uma maneira muito contemporânea a realidade das metrópoles e seus impactos na vida cotidiana dos sujeitos. Os desafios descritos por Simmel trazem grande contribuição no esforço desta pesquisa em compreender os fatores psicossociais que envolvem a prática da autolesão não suicida por adolescentes.

Simmel *apud* Velho (1973) destaca:

Pontualidade, calculabilidade, exatidão são introduzidas à força na vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana e não estão apenas muito intimamente ligadas à sua economia do dinheiro e caráter intelectualístico. Tais traços também devem colorir o conteúdo da vida e favorecer a exclusão daqueles traços e impulsos irracionais, instintos, soberanos que visam determinar o modo de vida de dentro, ao invés de receber a forma de vida geral e precisamente esquematizada de fora. (Velho, 1973, p.15)

O autor ainda destaca que a metrópole proporciona um excesso de estímulos. Acontecem muitas coisas ao mesmo tempo: muitas luzes, muitos sons misturados, muita gente, responsabilidades a serem cumpridas, muito movimento e esses estímulos não podem ser aprendidos de uma só vez pelas pessoas, acarretando comportamentos de apatia, de indiferença frente à realidade, denominado de Atitude Blasé. Simmel compreende essa mudança de comportamento como uma resposta do sistema nervoso ao excesso de estímulos da metrópole.

Outro autor que debruça sobre o adoecimento psíquico contemporâneo é o professor sul coreano, da Universidade de Berlim, Byung-Chull Han. Este defende que a valorização de indivíduos hiperativos, inquietos e voltados para um cotidiano de múltiplas tarefas tem gerado sofrimento que ele denomina de "violência neuronal" e tem relação direta com o modo operatório do capitalismo contemporâneo. Submetidos a múltiplos e constantes estímulos, horas e horas fixados nas telas, os adolescentes estão sujeitos a riscos variados.

Byung-Chull Han (2015), na obra 'A Sociedade do Cansaço', recorre ao slogan *Yes, we can* da campanha presidencial de Barack Obama para ilustrar o excesso de positividade do que ele intitula 'sociedade do desempenho'. No lugar do poder coercitivo do "tu deves", imposto de fora, entra em cena o "nós podemos" num

imperativo de superação constante, de velocidade, de mobilidade, seja a que custo for.

Além do excesso de positividade, Han (2015) conceitua que o sujeito do desempenho seria desprovido da condição de *philia* (desenvolvida na cultura da Grécia Antiga e que se remete a afeições, que contempla amizade) por ter se tornado animal laboral, impossibilitado do recolhimento contemplativo necessário para construir sentido, vínculo e ponte. Este sujeito do desempenho é submetido ao tempo 24/7, que o leva a uma repetição em alta velocidade e lhe rouba a direção e o sentido. Han (2015) salienta que para sair desse movimento de aceleração doentia é fundamental que o sujeito do desempenho tenha um tempo intermediário, para que esse sujeito consiga estabelecer conexões humanas.

O sujeito do desempenho não é capaz de comunicação, afirma Han (2015) por não ser capaz de reconhecer o Outro. Esse sujeito afogado e mergulhado em si próprio o impossibilita de experienciar o outro em sua alteridade. Diante da teoria de Han estaríamos presenciando na prática da autolesão não suicida entre adolescentes a manifestação corporal da dor dessa inabilidade em reconhecer a si próprio e o outro?

Han *apud* Handke (2015) descreve o cansaço do sujeito do desempenho como um cansaço solitário que leva ao isolamento. É um cansaço que divide, afasta, cada um em vivenciando seu cansaço extremado e que consome como fogo a capacidade de falar, de expor a alma. E continua: “aquele tipo de cansaço calado, como teria de permanecer, forçava à violência. Essa, talvez, só se manifesta no olhar que desfigura o outro.”

O cansaço descrito por Han *apud* Handke (2015) vai além do cansaço do eu, é o “cansaço-nós”, onde o sujeito se mostra cansado para o outro. Como alternativa para minimizar esse cansaço, Han (2015) defende o tempo intermediário, que é o tempo sem trabalho, um tempo lúdico e ilustra a importância desse tempo citando o *Shabat*, prática da cultura judaica que prioriza o descanso no dia de sábado, chamado de “sábado de paz”. Han *apud* Handke (2015) ao citar o *Shabat* diz que é o “dia do não-para”, dia de estar livre do “para-isso”.

Por fim, as contribuições de Jonathan Haidt trazem ricas contribuições sobre mudanças culturais no adolescer e seus reflexos nas emoções e comportamentos tanto dos pais como dos adolescentes. Relações sociais descorporificadas, assíncronas, em uma dinâmica que envolve uma comunicação de um para muitos e

presença constante do medo são aspectos trabalhados pelo autor e que vêm somar na busca por compreender o que se está sendo dito pelos adolescentes que praticam autolesão não suicida.

## 5. METODOLOGIA

Diante do objeto de pesquisa, adolescentes que praticam autolesão não suicida, a metodologia utilizada foi a qualitativa, com uso da técnica de grupo focal. Essa escolha se justifica pela característica da técnica em proporcionar maior acolhimento e estímulo ao pensamento crítico-reflexivo, e também ao compartilhamento de vivências.

O referencial teórico-metodológico para a organização e execução das sessões com os grupos focais é o proposto por Bauer&Gaskell (2007) no capítulo três do livro Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Os autores salientam que a entrevista qualitativa, seja individual ou em grupo, é o ponto de entrada do cientista social que se utiliza de esquemas interpretativos para compreender detalhadamente as crenças, atitudes, valores e motivações dos atores sociais. Para os autores, as entrevistas individuais e grupais fornecem um mapa para compreender o mundo de vida dos respondentes.

A escolha do método de grupo focal buscou ser criteriosa levando em consideração a faixa etária dos alunos participantes da pesquisa, que variam dos 11 aos 15 anos e a propensão deles se mostrarem mais participativos pela interação que o grupo proporciona. Bauer&Gaskell (2008) defendem que:

Em uma sessão grupal, as pessoas podem ser criativas, o moderador/pesquisador pode explorar metáforas e imagens empregar estímulos do tipo projetivo. Na situação grupal, a partilha e o contraste de experiências constroem um quadro de interesses e preocupações comum que, em parte experienciados por todos, são raramente articulados por um único indivíduo. O grupo é antes mais uma novela, uma perspectiva sobre a vida cotidiana mostrada apenas quando se assiste a todo o programa e não apenas pela contribuição de um único ator. (Bauer & Gaskell, 2008 p.72).

Para aplicação da metodologia proposta por Bauer&Gaskell *apud* Gomes VLO & Telles KS & Roballo EC (2009) o maior dificultador foi encontrar disponibilidade e interesse dos adolescentes em participarem do grupo focal.

Para chegar aos adolescentes que praticam autolesão não suicida a estratégia adotada foi a de divulgar a realização da pesquisa e seus objetivos, indo a cada sala de aula, mostrando o quanto a participação poderia trazer conhecimento sobre a temática e o quanto outros adolescentes poderiam ser ajudados com o estudo. No total foram percorridas 12 salas de aula, englobando os turnos matutino e vespertino, alcançando 338 alunos.

Para esse contato com os alunos foi crucial a colaboração da psicóloga escolar que compõe o quadro de servidores da escola. A profissional atuou como facilitadora no contato desta autora com os alunos, bem como exerceu um papel fundamental de incentivo e apoio irrestrito para realização do grupo focal.

Com a ajuda da psicóloga escolar foi possível chegar aos alunos que praticam autolesão não suicida a partir de relatórios psicopedagógicos, já constantes no Setor de Orientação Escolar. Nesses registros constavam cinco alunos já identificados com a prática da autolesão não suicida há mais de dois anos.

Outra frente utilizada para chegar aos alunos foi o esforço para que esses cinco alunos trouxessem outros colegas da escola que praticam autolesão não suicida, mas ainda não foram identificados pela equipe de Orientação Escolar. As conversas de incentivo a participação na pesquisa, com esses cinco alunos, foram feitas individualmente, na sala de atendimento psicológico da escola, que fica em lugar preservado, com bom isolamento acústico e controle restrito a apenas a equipe do Setor de Orientação Escolar.

O resultado desse contato individualizado resultou na adesão de quatro alunos para a pesquisa, devidamente autorizados pelos responsáveis, com assinatura do assentimento, tanto pelos adolescentes, quanto por seus pais.

Importante destacar que os quatro alunos participantes da pesquisa são os que já haviam sido identificados pela equipe de Orientação Escolar. A tentativa de trazer outros alunos que praticam autolesão não suicida e que ainda não haviam sido identificados pela escola não foi frutífera. Dois, destes quatro alunos, relataram que colegas não se propuseram a participarem da pesquisa pois teriam que ter a anuência dos pais e estes não sabem da prática da autolesão não suicida, o que poderia despertar preocupação caso levassem aos pais o desejo de participarem da pesquisa.

Desta forma, as sessões foram realizadas com os 4 alunos em encontros que ocorreram nos dias 19, 20, 21, 24 e 25 de junho, com duração de aproximadamente

duas horas, durante o horário de aula dos alunos, a pedido dos pais, que não tinham disponibilidade para levar os filhos (as) em outro horário, a não ser o já previsto na rotina deles.

A sala onde as sessões ocorreram era composta por uma mesa redonda, com quatro cadeiras, um armário, um organizador de arquivos e quadro de avisos afixado na parede. Durante a realização das entrevistas o acesso à sala foi restringido, podendo ter acesso somente a psicóloga escolar.

No primeiro contato, os participantes foram informados dos objetivos da pesquisa, foi lido o termo de consentimento, que já estava devidamente assinado, e foi estabelecido o contrato de convivência, com alinhamento do sigilo das informações e também acolhimento dos participantes, destacando que aquele era um espaço seguro para falar em voz alta o que muitas vezes ficava apenas nos pensamentos.

A cada sessão, foi utilizado o Tópico Guia abaixo, um roteiro de temas importantes a serem abordados, proposto por Bauer&Gaskell (2007) (Apêndice 1)

As sessões foram gravadas e devidamente transcritas, seguindo o modelo proposto por Bauer & Gaskell (2008).

No que tange os aspectos éticos todos os envolvidos assinaram Termo de Assentimento/Consentimento (adolescentes e familiares) (Apêndice 5).

Ressalto o cuidado com o anonimato dos participantes, desde a omissão da identificação do Centro de Ensino Fundamental onde a pesquisa foi realizada, a preparação da sala onde as sessões foram feitas até a forma como os dados foram compartilhados no trabalho.

Importante salientar que os alunos que se recusaram a participar da pesquisa devido ao medo da família descobrirem que praticam autolesão não suicida foram encaminhados para a psicóloga escolar, para acolhimento e o devido acompanhamento.

## **6. ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Participaram da pesquisa quatro adolescentes, a psicóloga e a orientadora da escola onde a pesquisa ocorreu. As adolescentes foram identificadas apenas pelas letras, escolhidas aleatoriamente, M, E, S e D. Uma adolescente identificou-se como

feminina, outras duas como do gênero masculino, com preferência de tratamento para o gênero neutro e uma autodeclarada bissexual. Desperta a atenção a ausência de participantes do sexo masculino cisgêneros. Nenhum interessou-se ou pode participar.

As idades das adolescentes são 14,14, 15 e 15 anos, três autodeclaradas brancas e uma parda. As quatro participantes são estudantes do ensino fundamental II, em um Centro de Ensino Fundamental de Brasília. As quatro adolescentes relataram ter iniciado a prática da autolesão não suicida após a pandemia do COVID – 19. Duas delas iniciaram a prática no ano de 2021 e as outras no ano de 2022.

A psicóloga escolar atua há 4 meses no CEF, sendo sua primeira experiência na Secretaria de Educação com adolescentes. Desde a posse no concurso, há 10 anos, ela atuava com a educação infantil. A oportunidade de assumir a função no CEF surgiu após um período de licença do serviço público.

A orientadora escolar atua há 7 meses no CEF e há 11 anos foi aprovada no concurso da Secretaria de Educação, como professora. Na função de Orientadora Escolar trabalha há 5 anos. Sua experiência em Educação Fundamental II também é recente, do início deste ano até o momento. Anteriormente, trabalhou por mais de 10 anos com alunos adolescentes, na faixa etária dos 14 aos 17 anos, estudantes do ensino médio.

As quatro adolescentes possuem vínculo biológico de parentesco com o familiar que autorizou a participação na pesquisa. Uma participante vive em contexto de família monoparental, morando com a mãe e a irmã. Outras duas participantes estão em contexto de família nuclear matrimonial, morando com os pais e um irmão e por fim a última participante vive em família estendida, formada pela mãe e a avó.

As participantes estudam no turno matutino e afirmam que no contraturno escolar ficam em casa. O tempo de convivência diária com os pais é de aproximadamente 1 hora por dia, nos momentos das refeições. Todas declararam que a rotina do contraturno é preenchida com jogos nos celulares, TV, filmes e séries, principalmente de dramas coreanos, atividades domésticas e tarefas da escola. O tempo diário de tela chegou a mais de cinco horas para uma das participantes e aproximadamente três horas para as demais. Ainda compartilharam que tiveram acesso aos seus próprios aparelhos de celulares por volta dos oito, nove anos de idade, comprados por seus pais.

Quanto a atuação profissional dos pais dos participantes e condições de moradia, as informações estão no quadro abaixo:

**Tabela 4:**

	Atuação profissional dos pais	Condição de moradia da família
Participante M	A mãe é funcionária de uma empresa privada. Trabalha na área administrativa. O pai é servidor público.	Moram na residência da avó.
Participante E	A mãe não tem ocupação assalariada e o pai é marceneiro autônomo	Moram em residência própria. Na parte superior da residência vive com a mãe e a irmã e na parte debaixo o pai reside em espaço que utiliza também para trabalhar com a marcenaria.
Participante S	A mãe trabalha no escritório que administra a rede de supermercados que o pai é sócio. O pai trabalha nos supermercados.	Moram em residência própria.
Participante D	A mãe é professora, servidora pública da Secretaria de Educação e não soube informar a atuação profissional do pai. Disse apenas que este trabalha em casa no computador.	Moram em apartamento próprio.

A partir da análise do conteúdo das sessões do grupo focal emergiram cinco categorias temáticas: 1) Meu corpo: autopercepção 2) Meu corpo: imperativos sociais 3) Meu corpo e a sociabilidade 4) Meu corpo autolesionado 5) Significados da autolesão para profissionais da educação.

### **6.1 Meu corpo: Autopercepção**

Ao expressarem como percebem seus próprios corpos, as adolescentes o identificam como gerador de sofrimento:

*“Eu odeio tirar fotos, expõe o meu corpo. Queria poder usar só moletom, calça larga, blusa larga. Não gosto das minhas coxas, são grossas, calça justa me incomoda. Gosto de comprar roupas na sessão masculina. Minha mãe acha de boa, o problema é minha avó.” (sic) (M).*

*“Fico muito chateada quando minha mãe insiste em postar fotos comigo. Eu só uso roupas largas, não gosto de roupas que marquem o meu corpo, o máximo que uso de roupa justa é calça jeans.” (sic) (E).*

*“Não gosto de calça apertada, minhas coxas são grossas, eu não gosto. Em dias de apresentação em grupo na escola parece que estão todos olhando para minhas coxas. Já conversei isso com a minha mãe, ela fala que é frescura” (sic) (S).*

*“me vejo como um personagem de anime. Olho para o meu corpo e não me vejo nele. É como se fosse uma outra pessoa usando o meu corpo. Pra sair dessa angústia eu mergulho nos animes e na cultura k-pop<sup>1</sup>.” (sic) (M).*

Quando questionadas sobre a relação que estabelecem com o espelho, apenas uma adolescente disse não se importar. O relato das demais foram:

*“Tento ignorar os espelhos no shopping, na academia e também na casa de uma tia. Me dá vontade de ir embora.” (sic) (M).*

*“Também não gosto, o que puder fazer para evitar ficar me olhando eu faço.” (sic) (E).*

*“Eu não gosto, passei a tomar banho no banheiro que fica no quarto dos meus pais porque lá não tem espelho.” (sic) (D).*

Sobre a parte do corpo que mais traz incômodo, as participantes deram respostas semelhantes:

*“não gosto das minhas pernas, minhas coxas são grossas. Meu sorriso é torto. Não uso roupas que mostrem meus braços, são roliços. Também não gosto dos pelos do meu corpo.” (sic) (M).*

*“odeio meu cabelo, queria que fosse liso. Minha barriga é grande e minhas coxas são grossas. Assim como a M eu não gosto das minhas coxas e dos meus braços.” (sic) (E).*

---

<sup>1</sup> K-pop é um estilo musical que traz influências de pop, rap e música eletrônica. É uma subcultura dentro da cultura sul coreana, tribos formadas principalmente entre os mais jovens.  
Fonte: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112160.pdf>

*“detesto o meu rosto, o formato da minha boca, do nariz.” (sic) (D).*

*“me acho peluda, queria depilar, mas minha mãe diz que vai marcar pra mim e não marca [...] também acho minhas coxas grossas.” (sic) (S).*

Após falarem sobre as partes do corpo que trazem incômodo, foram convidadas a falarem sobre as partes do corpo que gostam. Após um período de silêncio e expressões verbais que indicavam dúvida, conseguiram trazer respostas:

*“gosto do meu cabelo.” (sic) (M).*

*“a cor dos meus olhos.” (sic) (E).*

*“minha barriga.” (sic) (D).*

*“meu cabelo e minhas unhas.” (sic) (S).*

## **6.2 Meu corpo: Imperativos sociais**

Na busca por compreender como lidam com críticas sobre o corpo, foram convidadas a compartilharem o que mais ouvem das pessoas que as cerca sobre seus corpos:

*“Sua coxa é grande. Tá muito feia. Você é tão nova e já tá com estrias? Isso é feio. Você tinha a cintura fina, tá engordando. Minha avó diz que tenho que me arrumar para eu casar. Lembro dos colegas na escola me chamando de dente de cachorro, dente separado. Me davam apelidos também porque eu era gordinha. Pesava 80 kg, fiquei sem comer, cheguei a pesar 37 kg, eu me sentia bem nesse peso. Agora estou com 57 kg, mas é como se estivesse pesando 80 kg de novo. Eu tomei remédio para emagrecer, com acompanhamento médico, quero voltar a tomar, mas minha mãe e minha avó não deixam. Me comparo muito com adolescentes pelas redes sociais. Eu como somente duas vezes por dia, no café da manhã e no jantar. Vejo dicas no Tik Tok de como ficar horas sem comer. Uma coisa que aprendi foi a chupar gelo para enganar a fome e também fico assistindo vídeos de coreana comendo doces, umas quatro vezes por semana.” (sic) (M).*

*“Sempre fui gorda. A família do meu pai é da minha mãe são obesos e sempre ouço: você tem o rosto tão bonito, pena que é gorda. Se você não emagrecer ninguém vai querer namorar com você. Fecha essa boca, você só sabe comer. Por isso parei de comer não suporto mais ouvir todos falando do meu corpo.” (sic) (E).*

*“Eu só uso vestido porque minha mãe me obriga. As roupas que eu gosto ela critica e diz que não vai sair comigo se eu estiver vestindo moletom, é um saco. Depois de muito pedir, minha mãe me deixou*

*fazer uma mexa azul no cabelo. Minha avó disse que isso não era de Deus, me deu muita raiva. Meu pai, minha avó, minha mãe e minhas tias ficam falando que vou ficar gorda. Meu pai chegava do trabalho com meu chocolate preferido, mas minha mãe falou para ele não levar mais porque eu tava engordando. Parei de comer e minha mãe passou a me obrigar a comer, ela prepara o meu prato, entrega na minha mão e fica do meu lado até eu terminar, é um saco.” (sic) (S).*

*“minha mãe também me obriga a comer, chega a ligar na escola e falar na direção para me vigiarem se estou comendo. Minha mãe e minha avó falam do corpo dos outros. “Você viu como a filha da comadre engordou? Isso é por causa da mãe que não cuida. Quando estamos passeando também vem comentários de pessoas que elas nem conhece: “uma adolescente com a barriga desse tamanho, imagine depois que tiver filhos. É como se eu tivesse medo delas me criticarem também se eu engordar.” (sic) (D).*

### **6.3 Meu corpo e a sociabilidade**

No terceiro encontro o tema amizade e vida social foi o assunto abordado. As quatro participantes externaram dificuldades em fazer amizades:

*“É muito difícil fazer amigos. Minha avó sempre me diz que eu sou esquisita, que tenho um jeito estranho de puxar assunto com as pessoas. Ela acha esquisito eu gostar de iniciar conversas entregando desenhos. Pode ser isso a dificuldade que tenho para fazer amigos.” (sic) (M).*

*“Eu também não acho nada fácil fazer amigos. Sou extrovertida, mas às vezes, introvertida. Gosto de iniciar assuntos aleatórios e nem todo mundo me entende.” (sic) (E).*

*“As pessoas me acham chata [...] eu começo a conversa animada, mas de repente me canso e fico quieta. É aí que ouço as críticas que sou chata.” (sic) (S).*

*“Na escola somos em quatro. Entrar no grupo não é qualquer pessoa. Temos um código de lealdade e quem quiser fazer parte do grupo tem que passar no teste. Não aceitamos gente padrão e nem de direita (posição política). (sic) (D).*

*“As pessoas não são confiáveis.” (sic) (M).*

*“Pra mim é mais fácil ter relacionamentos virtuais. A maioria das pessoas são padrão e prefiro ficar distante.” (sic) (D)*

Quanto às programações que gostam de fazer com amigos, as respostas revelaram preferência por contatos pela internet. Apenas uma participante afirmou que o que mais gosta são conversas presenciais:

*“assistimos animes e jogamos online.” (sic) (M)*

*“rsrsrs a mesma coisa, animes e jogos online.” (sic) (E)*

*“ficamos conversando na frente de casa, lá no condomínio.” (sic) (S)*

*“games, chats e assuntos de robótica.” (sic) (D)*

Ao final do encontro uma das participantes perguntou se todos concordavam em dar um abraço coletivo, o que prontamente foi aceito pelo grupo. Esse abraço durou um tempo considerável e duas participantes ficaram bem emocionadas, chegando a chorar. Houve um agradecimento coletivo e o que expressaram, verbalmente, foram:

*“Aqui pode ser o início de uma longa amizade.” (sic) (E)*

*“Eu precisava desse abraço hoje.” (sic) (M)*

#### **6.4 Meu corpo autolesionado**

Quando perguntadas sobre como percebem ou entendem o comportamento do adolescente que se machuca intencionalmente, as respostas foram:

*“um ato de desespero. A primeira vez que me cortei foi quando minha mãe se separou do meu padrasto. Ele que me criou e eu perguntava pra minha mãe o que tinha acontecido e ela não queria falar.” (sic) (M – Adolescente).*

*“Um alívio. Os cortes me dão a sensação de que, pelo menos por alguns minutos, eu ficasse mais leve, mas dura pouco tempo, depois tudo volta. A primeira vez eu estava no meu quarto, triste, me sentindo gorda, feira. Peguei um apontador, tirei a lâmina e me cortei nos braços, coxas, nos pulsos e na barriga. Pensava no que as pessoas achavam de mim, que eu era um lixo, não prestava pra nada, nem pra ter um corpo bom, nada do que faço é bom. Minha mãe e minha irmã já se cortaram também.” (sic) (E – Adolescente).*

*“Não sei dizer bem... só sei que quando estou muito triste, com raiva, a primeira coisa que vem é a ideia de pegar a faca e ir para o banheiro*

*me cortar. A primeira vez que me cortei foi na pandemia, eu estava mal, era como se eu não conseguisse sentir nada, nenhuma emoção. Eu peguei uma tesoura e cortei o meu braço, bem de leve para não deixar marcado. Era um domingo e a noite fui pra igreja, minha mãe viu a marca e perguntou o que era, mas não dava para conversar, estávamos no culto, tinha gente ao redor” (sic) (S – Adolescente).*

*“É estranho... preciso ver o sangue para melhorar. Em uma das vezes cheguei a riscar uma folha com o meu sangue e escrevi o que estava sentindo nesse papel. Eu estava com raiva por ter sido chamada de esquisita por um amigo que tenho na Austrália e conversamos todos os dias pelo chat. [...]. Me cortei pela primeira vez na pandemia. Eu estava pra baixo, cortei meus braços e minha coxa com uma tesoura e não parei mais. Consegui esconder por algum tempo dos meus pais. Eles só descobriram quando as aulas voltaram porque eu estava no banheiro da escola me cortando e uma pessoa viu e chamou meus pais. Foi assim que fui para a terapia, que faço a até hoje. Minha mãe ficou com medo de me matar e meu pai ficou falando que é frescura.” (sic) (D – Adolescente).*

Sobre a forma como interpretam o apoio que recebem para lidarem com a prática da autolesão não suicida, três participantes compartilharam sentimentos semelhante e uma não conseguiu expressar-se.

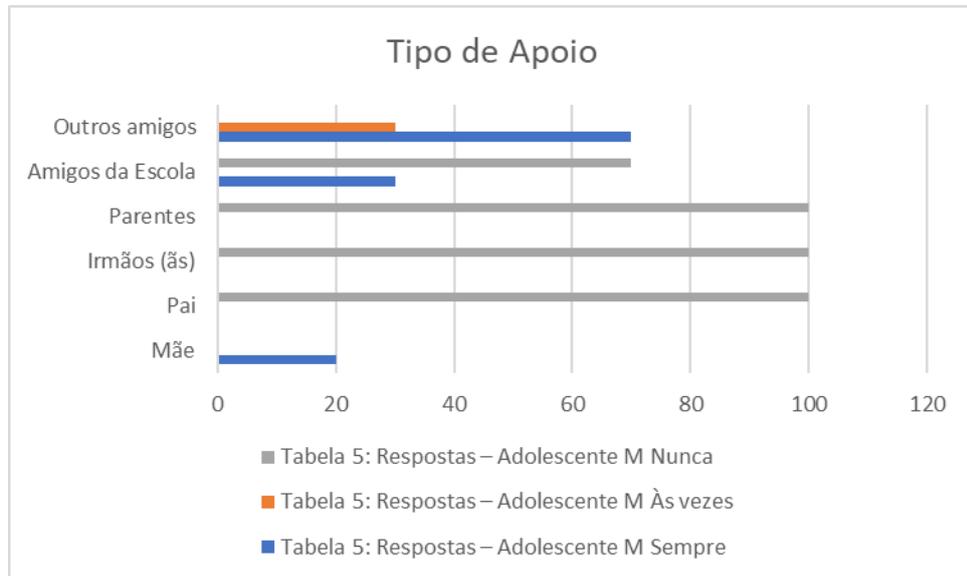
*“Nunca tive assistência de ninguém. Se parassem de me comparar com outras pessoas já seria bom. Eu tento dar o meu melhor, mas nunca é suficiente. Eu sou nerd, mas minha família não me entende.” (sic) (M – Adolescente).*

*“rsrsrs eu também sou nerd. Me sinto assim, sem amparo. Minha mãe tem os problemas dela. Meu pai eu nem procuro. Muitas vezes parece que ninguém me vê, que as marcas que tenho nos braços são invisíveis para as pessoas.” (sic) (E)*

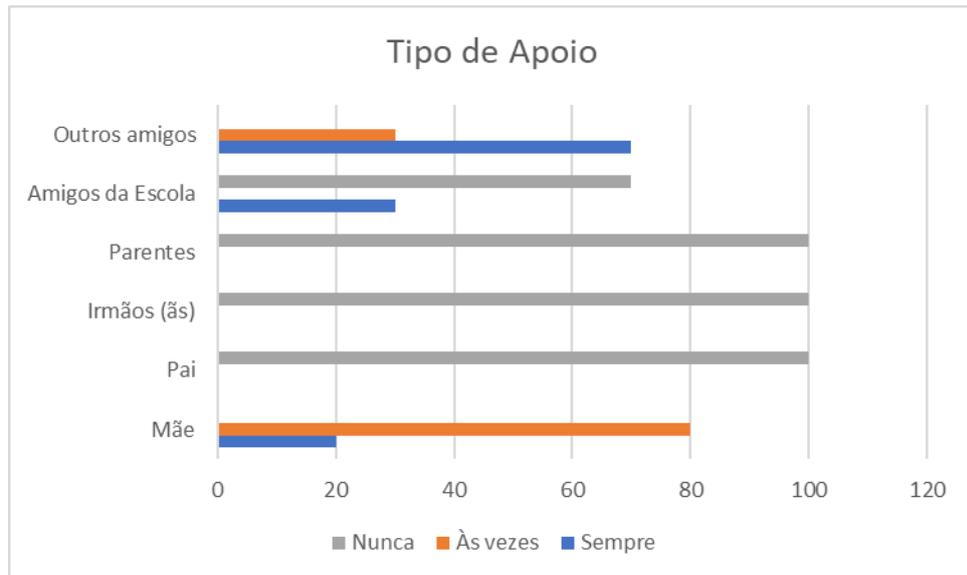
*“As pessoas não me entendem. Quando estou em lugar que tem muitas pessoas sinto como se os olhares delas estivessem sugando a minha alma. Quero ficar sozinha e minha família e amigos não me entendem, me chamam de chata, falam que é frescura. Todos os meses tenho que ouvir do meu pai que pagar a terapia é uma despesa que não precisava ter. Que eu preciso é ter a pia cheia de louça para lavar e ocupar a minha cabeça, é muito ruim”. (sic) (S)*

Foi solicitado ao grupo que quantificassem em uma tabela como percebem o apoio que recebem da mãe, do pai, irmãos (ãs), parentes, amigos da escola e outros amigos para lidarem com a prática da autolesão não suicida. As respostas revelaram a predominância de apoio vindo dos amigos. Além disso, chama a atenção ausência total da figura paterna na rede de apoio considerada pelas adolescentes.

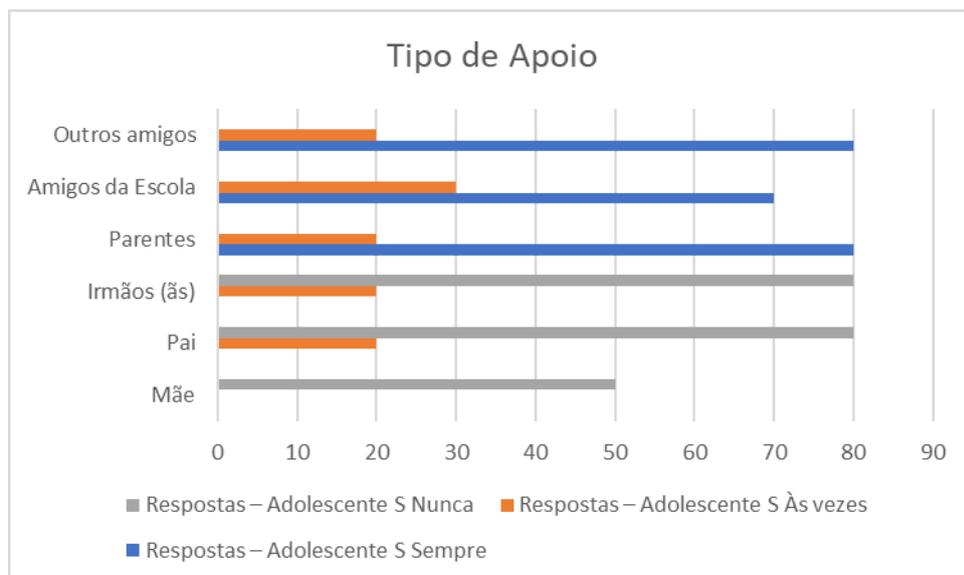
**Gráfico 2: Respostas – Adolescente M**



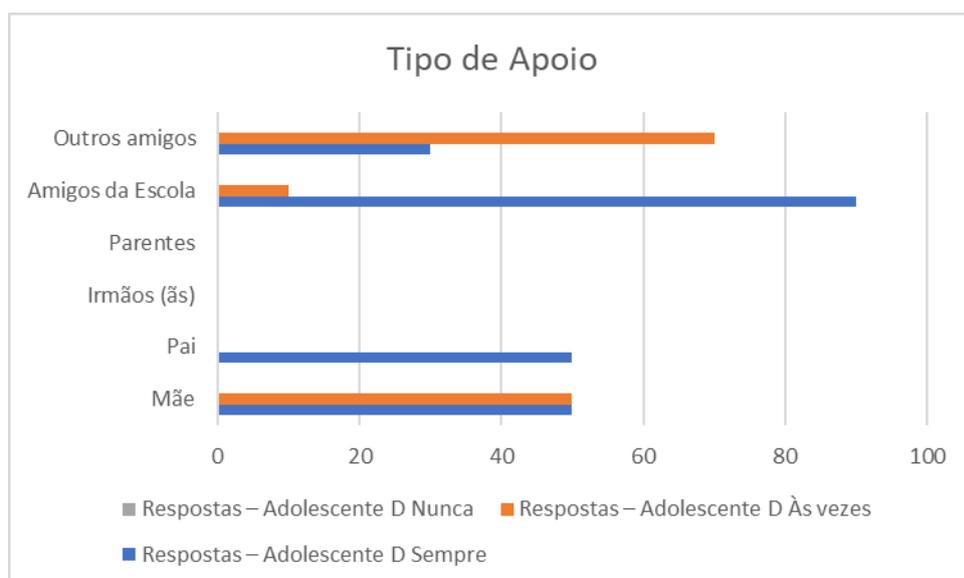
**Gráfico 3: Respostas – Adolescente E**



**Gráfico 4: Respostas – Adolescente S**



**Gráfico 5: Respostas – Adolescente D**



## 6.5 Significados da autolesão para profissionais da Educação

A psicóloga escolar compartilhou dos desafios ao se deparar com as demandas de autolesão não suicida, destacando que ao longo de sua carreira buscou se preparar para atendimentos escolares do público infantil, que a rotina com adolescentes é algo recente:

*“Tá sendo um desafio, me preparei muito para trabalhar com crianças, nunca mirei em adolescentes, mas veio a oportunidade.” (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“No começo me assustava. Ligava o comportamento autodestrutivo à ideação suicida. Passei a ler sobre o assunto. A literatura já apontava que não necessariamente há uma relação com o suicídio, mas sim uma expressão de sentimentos. Me propus a escutar o que eles têm a dizer, pode ser que não tenha vontade de morrer.” (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“Em quatro meses de atuação no CEF fiz 5 atendimentos de autolesão não suicida.” (Sic) (Psicóloga Escolar).*

A psicóloga e a orientadora escolar compartilham do entendimento que a autolesão é a sinalização de um pedido de apoio:

*“Existe uma angústia, uma necessidade de falar sobre coisas, faltam pessoas para ouvir. De todos os casos que já atendi na escola há uma fala em comum: tem algo muito forte aqui dentro de mim que preciso botar para fora.” (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“Percebo a autolesão como uma válvula de escape ou uma autopunição inconsciente.” (Sic) (Orientadora Escolar).*

Também relataram a maior ocorrência de autolesão não suicida entre meninas:

*“Dos acolhimentos que dei prevaleceu o atendimento a meninas, das quais em pelo menos dois casos com questão de gênero ainda não definido.” (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“Eu percebo mais em meninas e em meninos geralmente são homossexuais. Quando acontece nos meninos geralmente é homossexual ou trans.” (Sic) (Orientadora Escolar).*

Outro aspecto semelhante, trazido pelas profissionais de educação, é a facilidade com que os alunos falam sobre a autolesão com elas:

*“Eles têm uma necessidade muito grande, estão tão necessitados que qualquer pessoa que dê ouvidos consegue acessar (o conteúdo de autolesão). Tenho quebrado algumas crenças sobre adolescentes. Eu acreditava que adolescente gosta de segredo, que você tem que puxar assunto para falarem. Com eles nem cheguei a falar sobre sigilo, como faço na clínica.” (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“Fiquei espantada com a facilidade deles falarem. Já na primeira conversa trouxeram a autolesão. Eu considerava como se nem tivesse ocorrido o vínculo, mas isso não foi barreira para falarem.” (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“Acho que o que eles me contam os pais nem sabem (risos). Eu consigo me conectar bem com eles, com essa faixa etária do CEF. Eles vão me contando as experiências, e tal... [...] e aí eu vou dando várias orientações, de prevenção, de autocuidado, de autorrespeito, de se preservar.” (Sic) (Orientadora Escolar).*

Sobre o preparo dos professores para lidarem com situações de autolesão não suicida a percepção das profissionais são:

*“Existem alguns professores que olham para o lado humano, demonstrando uma preocupação para além do cognitivo. Tem outros professores que não têm tanto esse olhar. Algumas pessoas são mais sensíveis ao sofrimento que outros. Uma professora que faz os encaminhamentos mais pertinentes demonstra bem essa habilidade. Ela não tem filhos adolescentes, nem filhos têm, é solteira, e consegue ver o que muitos não veem. Foi essa professora que trouxe uma das adolescentes para o acolhimento. Ela viu que a aluna estava dormindo muito em sala de aula. Na primeira conversa que tive com a aluna ela já trouxe a autolesão e o sofrimento que estava passando.” (Sic) (Psicóloga Escolar).*

A psicóloga escolar também compartilhou de cuidados que tem ao acolher os alunos:

*“Normalmente tento fazer pelo menos dois acolhimentos com o adolescente. Não gosto de chamar os pais para conversarem de forma secreta. Negocio com eles perguntando o melhor dia para ter a conversa com os pais. Quando tem resistência, tento trabalhar com o convencimento. Dos cinco atendimentos feitos, todos os pais das adolescentes sabiam da autolesão. Teve um dos casos que cheguei à adolescente por conta da procura dos pais que pediram ajuda na escola para lidarem com a autolesão. (Sic) (Psicóloga Escolar).*

A profissional relatou também a preocupação em não descumprir o Código de Ética do Profissional Psicólogo, no tocante aos atendimentos realizados na escola:

*“O nosso Código de Ética (dos Psicólogos) diz que não podemos negligenciar o sofrimento psíquico. Eu não quero criar com esses alunos o vínculo de terapeuta, mas não posso ignorar o sofrimento. A Secretaria de Educação exige que fique claro que esse atendimento não é atendimento clínico”. (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“Na escola procuro tirar o máximo de proveito do encontro com o aluno. Deixo que falem livremente, sem preocupação com o tempo do atendimento, enquanto estiver fluindo, deixo que falem, avanço o atendimento em mais e uma hora, chegando a ficar duas horas em atendimento.” (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“Na Secretaria de Educação existe a orientação de levar o caso de autolesão para o Conselho Tutelar. Eu explico para os pais que o Conselho Tutelar não vai tirar seu filho, que ele vem como um facilitador para levar o adolescente a ter atendimento na Secretaria de Saúde. Embora me sinto desconfortável em ter que encaminhar pois já soube de histórias de Conselheiros Tutelares que não souberam como proceder com o adolescente. Precisamos preparar essas pessoas para atenderem gente em vulnerabilidade. (Sic) (Psicóloga Escolar).*

A psicóloga escolar também trouxe dilemas relatados nos atendimentos de autolesão:

*“Eu sou novo demais para ir para festas, para estar ativo sexualmente, mas velho demais para outras coisas. Os pais requerem que cuidem do irmão mais novo, mas não deixa que saem com os amigos. Há um conflito. (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“Os pais recorrem a comportamentos violentos com os filhos às vezes por falta de repertório comportamental. Escuto deles: foi assim que fui criado, meus pais me educaram dessa maneira. (Sic) (Psicóloga Escolar).*

A orientadora escolar também relatou do conflito dos alunos em relação a descoberta da vida sexual:

*“Por incrível pareça o que eu estou percebendo muito, pelo menos na realidade da nossa escola, é a questão da sexualidade, uma vida sexual muito, muito ativa e muito precoce.” (Sic) (Orientadora Escolar).*

*“Teve uma aluna que me contou que perdeu a virgindade com dois homens ao mesmo tempo. Aí a gente vê a dinâmica de algumas famílias, alguns pais mais permissivos, tem vários tipos de realidades.” (Sic) (Orientadora Escolar).*

As profissionais destacaram a participação dos pais na vida escolar dos alunos do CEF:

*“Até hoje não tive dificuldade em me encontrar com a família. Estou surpresa com o quanto os pais da escola são participativos. (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“Fizemos uma entrevista com um pai e ele era muito violento verbalmente e ele falava para a filha que ela é gorda, batia nessa questão da estética e ele reconheceu que exagerava na fala com a filha.” (Sic) (Orientadora Escolar).*

As profissionais relataram ciclos que se repetem nos relatos de autolesão não suicida:

*“Aparece muito o bullying, conflitos com a sexualidade, acesso precoce a aparelhos celulares.” (Sic) (Orientadora Escolar).*

*“Teve uma aluna que peguei com o braço todo ensanguentado, durante o intervalo. Ela falou que a mãe também tinha depressão e tinha relato da mãe enfrentar situação de violência em casa. Parece um ciclo que se repete, sabe? (Sic) (Orientadora Escolar).*

*“A perda de habilidade social é algo que me preocupa. Quanto mais telas menos habilidades sociais. Os adolescentes não estão conseguindo resolver os conflitos cara a cara, se protegem nas telas. Acabam criando mais dificuldade para fazer amigos reais. Existem tantas situações na vida que esses amigos virtuais não vão estar presentes. (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“Fico observando durante o intervalo alguns alunos que passam o tempo inteiro do intervalo no celular. Chego até eles e pergunto se já tentaram conversar com alguém naquele dia, mas eles relatam ser difícil fazer amigos. Vejo que são atividades que estão mais complexas de se desenvolver. Há uma fala em comum: meus pais não me ouvem, não tenho amigos. Me parece que é uma falta de rede de apoio.” (Sic) (Psicóloga Escolar).*

## 7 DISCUSSÃO

*A Igreja diz: O corpo é uma culpa.*

*A ciência diz: O corpo é uma máquina.*

*A publicidade diz: O corpo é um negócio.  
O corpo diz: Eu sou uma festa!  
Eduardo Galeano*

Quantas cicatrizes temos em nossos corpos? Discutir autolesão não suicida é falar sobre histórias impregnadas na pele. Olho para o meu corpo e encontro cicatrizes que me remetem há mais de 4 décadas de vida. Início esta seção com memórias pessoais a respeito do tema.

As cicatrizes que carrego na tíbia, no joelho e na palma da mão direita têm algo em comum: aconteceram em momentos de interação com meus amigos durante minha infância e adolescência. A marca na tíbia, em especial, me traz à memória meus vizinhos, um grupo de oito adolescentes, na faixa etária dos 9 aos 13 anos.

Todos os dias era sagrado, às 17h, nos reuníamos em frente à minha casa para jogar baralho, andarmos de bicicleta, brincar de *bete* (também conhecido como bate-ombro, bets-lombo, betcha, tacobol, ou jogo de taco), pique pega, pique esconde ou simplesmente para conversarmos. Essas brincadeiras iam até o anoitecer e só terminavam ao som de um sonoro grito da minha mãe: “Taty, Digo (apelido do meu irmão, Rodrigo) tá na hora de entrar, amanhã vocês brincam mais.”

Lembro-me bem do dia que tropecei em uma estaca de ferro, que estava escondida entre o mato alto no lote vizinho à minha casa. Me embrenhei por lá à procura de um esconderijo, enquanto brincávamos de pique esconde. A brincadeira foi interrompida com minha queda e meu choro ao ver o sangue escorrendo na minha perna. Fui socorrida por meus amigos. Em questão de minutos me vi cercada por cuidados, era algodão, água, água oxigenada de tal sorte que em pouco tempo lá estávamos correndo novamente e eu nem me lembrava mais da dor.

Recordo-me dos meus pais ficarem sabendo do ocorrido dias depois. Naquela idade eu não tinha o conhecimento do quanto “a minha tribo” exercia cuidado não apenas para minha integridade física, mas na construção do meu “crer ser”. Claro que meu núcleo social não é o mesmo e eu muito menos sou a mesma pessoa de 35 anos atrás. Hoje, confronto-me com a adulta ansiosa que me tornei. Também pratico uma forma de autolesão quando acabo por roer minhas próprias unhas, que por ser uma autolesão leve, passa quase despercebida no dia a dia.

Para além do meu próprio corpo, o contato com as marcas autoprovocadas na pele de cada adolescente que já acolhi também me marcam. É uma busca para ampliar o olhar para fora da explicação meramente patológica da prática da autolesão.

Adolescer não é tarefa fácil e adolescer em tempos hipermodernos torna-se ainda mais desafiador. Compreender o corpo perpassa por um caminho de conhecimentos relacionados à natureza, uma construção de saberes que envolvem aspectos antropológicos, filosóficos e uma carga histórico-cultural herdada por gerações. É o que será abordado no próximo tópico.

### **7.1 Meu corpo: Autopercepção**

Quão desafiador é buscar compreender o significado que as adolescentes participantes dessa pesquisa atribuem à prática da autolesão. A construção simbólica do corpo, de alguma maneira, remete a um lugar sagrado, que precisa ser protegido, mas que ao mesmo tempo é uma exposição da própria história.

Ao me aproximar desses corpos carregados de marcas, visíveis ou não, me aproximo de um recorte, ainda que pequeno, da história de vida dessas adolescentes. Esses corpos expressam um funcionamento biológico, mas também simbólico. O corpo é a casa (que as acompanhará até a morte), é o movimento e também o “cartão de apresentação” para o mundo.

O estilo de roupa que usam, o corte de cabelo, os adornos que enfeitam esse corpo, os gestos, a oralidade, os prazeres oriundos desse corpo, as tentativas de autoproteção, ainda que simbólicas, já que a partir do desenvolvimento intrauterino esse corpo vai se moldando e recebendo carga hereditária, emocional e social, que o forma, antes mesmo que o sujeito se reconheça nessa fôrma, exalam o movimento do “crer ser” que essas adolescentes estão.

Aproximar-me dessas histórias me traz um sentimento de cuidado, acolhimento e de muito respeito pelo que somente essas adolescentes, e ninguém mais, consegue sentir na pele: os desafios de tantas transformações e a busca por homeostase de seus psiquismos. A tentativa de manter o corpo sob controle fala sobre pressões do coletivo e da individualidade, de fragilidades e de potências.

Aqui vale uma ressalva: a angústia trazida das mudanças corporais, psíquicas e sociais não são exclusividade de tempos hipermodernos. Longe disso, ao olharmos

para a história que envolve a relação que estabelecemos com o corpo chegaremos à Grécia Antiga.

A busca por um corpo forte, belo, ágil, esculpido representava reconhecimento e acesso a riqueza. A preocupação com o padrão de beleza estabelecido à época também alcançava as crianças, conforme destacou Aristóteles, na obra *A política*:

*“Hoje, os Estados que parecem preocupar-se mais com a educação dos jovens procuram proporcionar-lhes o regime dos atletas, o que deforma a pessoa e a impede de crescer, ou, como os lacedemônios, não cometem este erro, mas brutalizam-nos pelo excesso de fadiga, como se esse fosse um meio de proporcionar coragem.”*

*“[...] Não vemos hoje os próprios lacedemônios, que se sobressaíram a todos enquanto foram o único povo que se exercitava, se tornarem inferiores aos outros nos mesmos exercícios e combates? Se tiveram a supremacia, não foi porque exercitaram sua juventude, mas porque se defrontaram com povos que não exercitavam as suas. Portanto, não é a ferocidade, mas sim a honestidade que deve ter a primazia na educação da juventude. Não será nem o lobo, nem algum outro animal feroz que vai expor-se ao perigo pela glória; isto só se vê num homem educado para a virtude.” (Aristóteles: 2006, p. 82).*

Lipovetsky (2022), em *A era do vazio*, revela o homem hipermoderno tomado pelo medo em uma era de exageros, de possibilidades de hiperconsumo, uma sociedade marcada por uma obsolescência programada, em um curto espaço de tempo. O homem imerso em uma sociedade onde as coisas acontecem em uma rapidez e uma fluidez que marca a forma como se comunica e se relacionamos com o outro e consigo.

Lipovetsky (2022), como já citado anteriormente, enfatiza a prevalência de um novo estágio do individualismo, em tempos hipermodernos. De maneira equivocada, por vezes, o individualismo proposto por Lipovetsky (2022) é contextualizado como egoísmo. O individualismo narcísico é uma configuração de valores hipermodernos, que coloca o indivíduo em sua posição de soberania em relação a si mesmo e em relação às leis. Tal fenômeno pode ter várias consequências e arranjos, não se podendo dizer a priori se positivos ou negativos.

Para o autor, cada um é reconhecido como livre e semelhante aos outros e essa liberdade torna o indivíduo legislador de sua própria vida. Sob essa ótica ao nos depararmos com a fuga que o espelho provoca nas adolescentes participantes desse estudo, não seria uma forma de mostrar o medo que essa liberdade narcísica

desencadeia? O que eu posso ou não posso fazer com meu corpo? Sigo imposições sociais de peso, aparência etc., ou sigo meu desejo? Desses conflitos emergem diferentes formas de sofrimento para as jovens.

A insegurança que a desertificação de massa traz, em uma fase tão marcada por transformações físicas, psíquicas e sociais, como o adolecer, ganha uma amplitude de olhar a partir da ideia de Lipovetsky sobre o deserto de massa (2022):

*“Um deserto paradoxal, sem catástrofe, nem trágico, nem vertigem, que deixou de se identificar com o nada e com a morte: não é verdade que o deserto obrigue à contemplação de crepúsculos mórbidos. Consideremos, com efeito, esta imensa vaga de desinvestimento na qual todas as instituições, todos os grandes valores e finalidades que organizaram as épocas anteriores se esvaziam a pouco e pouco de sua substância – que é isso senão uma desertificação de massa, transformando o corpo social em corpo exangue, em organismo desafetado? [...] o deserto cresce: o saber, o poder, o trabalho, o Exército, a família, a igreja, os partidos etc., já globalmente deixaram de funcionar como princípios absolutos e intocáveis; em graus diferentes, já ninguém lhes dá crédito, já ninguém neles investe seja o que for.” (Lipovetsky, 2022, p.62).*

O que entra nesses lugares vazios? Como reagir diante disso? A busca é contínua, e as dificuldades nesses caminhos em imperativos contraditórios e ambíguos – o paradoxo em que vivemos - podem ser intensas.

## **7.2 Meu corpo: Imperativos Sociais**

As adolescentes entrevistadas remetem a um corpo que é fonte de desconforto, preconceito e discriminação. Uma dicotomia se revela: desejo de liberdade da imposição por seguir um padrão de beleza e uma angústia por sentir-se excluído do que é padrão.

Na obra *Os tempos hipermodernos*, Charles (2020, p. 23) afirma que “a essência do individualismo é o paradoxo”. Para ele, duas lógicas coexistem intimamente, uma que favorece a autonomia, a outra que aumenta a dependência.

Nesta perspectiva de movimentos entre vigilância e liberdade não há como não recorrer a Michel Foucault. No livro *“Vigiar e punir: nascimento da prisão”*, de 2004, o filósofo refere-se ao modelo prisional, idealizado por Jeremy Bentham, como uma metáfora das sociedades em construção, dos séculos XIX e XX.

Nesse sistema prisional, a partir de uma única torre, o vigia tem um olhar atento para todos os prisioneiros. Para Foucault (2004) a escola, igreja, família, o exército são agentes de poder atuando no disciplinamento dos corpos. Essas instituições, com suas imposições sociais, miravam na “criação” de corpos dóceis. “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” (Foucault, 2004, p.118). Em *Vigiar e punir*, Foucault trata de formas de violência e punição dos homens sobre os próprios homens.



Fonte: [https://www.linkedin.com/posts/alejandro-terenzani-22031412\\_byung-chul-han-y-el-pan%C3%B3ptico-digital-activity-7107062128414482434-i7YS/](https://www.linkedin.com/posts/alejandro-terenzani-22031412_byung-chul-han-y-el-pan%C3%B3ptico-digital-activity-7107062128414482434-i7YS/)

Hoje não há mais necessidade de que um grupo vigie outras pessoas. A hipermodernidade revela o recuo das instituições que moldam as sociedades da vigilância. Conforme destaca Lipovetsky:

“O Estado recua, a religião e a família privatizam-se, a sociedade de mercado impõe-se: apenas está em jogo o culto da concorrência econômica e democrática, a ambição tecnicista, os direitos dos indivíduos.” (Lipovetsky, 2020, p.56).

As instituições, que segundo Foucault (2004), buscavam decifrar a mentalidade das pessoas já não precisam fazer esforços. Os próprios sujeitos cooperam entregando seus dados, voluntariamente, para o sistema que tudo sabe e tudo vê. As imposições sociais já não estão centralizadas nessas instituições. O controle agora parte *de dentro*. É o próprio sujeito que se impõe, que se obriga a seguir suas próprias leis.

Lipovetsky (2022) denomina de *personalização* essa nova maneira da sociedade se organizar e se orientar, onde o que impera não é tanto a vinculação a uma norma social, como foi na sociedade disciplinar totalitária, mas um processo em que as escolhas privadas são privilegiadas. Seria uma normativa onde cabe o máximo de compreensão e o mínimo de coerção (externa). Se antes, a sociedade imperava sobre o indivíduo, agora, o indivíduo se impõe para que a sociedade seja de acordo com suas aspirações.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2018) esmiúça essa transformação de relações de controle social no livro *“Panópticodigital”*: “Os internos do panóptico digital, por sua vez, comunicam-se intensivamente e expõem-se por vontade própria” (Han, 2018, p. 19). Para o filósofo, o panóptico digital não limita a liberdade, mas a explora. Quanto mais livre, maior a entrega voluntária de dados e mais fácil o cenário para seu uso e manipulação.

Em concordância com essa perspectiva da dicotomia trazida pela sensação de liberdade, Lipovetsky diz:

*“Para demonstrar as técnicas e as suas rupturas vertiginosas das referências da morte, da alimentação ou da procriação, mostram as imagens do corpo no hiper-realismo pornográfico; a televisão e os espetáculos exibem a transparência total; a galáxia Internet e o seu dilúvio de fluxos digitais: milhões de sites, bilhões de páginas e de caracteres que duplicam em cada ano; o turismo e os bandos de pessoas em férias: as aglomerações urbana e as suas megalópoles superpovoadas, asfixiadas, tentaculares. Para lutar contra o terrorismo e contra a criminalização já se instalaram nas ruas, nos centros comerciais, nos transportes coletivos, nas empresas, milhões de câmeras, de meios eletrônicos de vigilância e de identificação de cidadãos: ao substituir à antiga sociedade disciplinar totalitária, a sociedade hiper vigilante está em marcha. A escalada paroxística do sempre mais imiscuiu-se em todas as esferas do conjunto coletivo.” (Lipovetsky, 2020, p.58).*

Buscar compreender a prática da autolesão não suicida como - mas não somente - uma manifestação das inquietudes desse ser prisioneiro do panóptico digital pode ser um caminho para melhor compreensão desse sofrimento.

Na pesquisa, uma das adolescentes disse que:

*“Quando estou em lugar que tem muitas pessoas sinto como se os olhares delas estivessem sugando a minha alma.” (Sic) (Adolescente S).*

Não seria essa uma expressão que também se encaixaria no desconforto de estar sendo vista por milhões de pessoas nas redes sociais, em uma hipereposição às imposições sociais?

### 7.3 Meu corpo e a sociabilidade

Ao longo da pesquisa, as adolescentes externalizaram as dificuldades em fazer amigos. “Crer ser” envolve o processo de autoaceitação e aceitação pelo grupo social. O Eu e o outro em um entrelaçamento de relações intrapessoais e interpessoais.

Essa dificuldade de fazer amigos é explicitada por Lipovetsky (2022) como reflexo do narcisismo enfraquecendo a capacidade de lidar com a vida social. Perde-se a capacidade de ser expressivo. Procura-se ser autêntico, mas de maneira alguma ser espontâneo.

A fala de uma das adolescentes remete a essa autenticidade nos momentos de aproximação. Fazer e manter amigos envolve diversas habilidades sociais: iniciar conversação, dar informações livremente, ouvir, expressar sentimentos, fazer confidências, manter contato, respeitar limites e impor também, demonstrar gentileza, ser empático, são algumas delas.

*“É muito difícil fazer amigos. Minha avó sempre me diz que eu sou esquisita, que tenho um jeito estranho de puxar assunto com as pessoas. Ela acha esquisito eu gostar de iniciar conversas entregando desenhos. Pode ser isso a dificuldade que tenho para fazer amigos.” (sic) (Adolescente M).*

George Simmel, que se propôs a estudar a sociologia do cotidiano, rompendo com a visão positivista e dando ênfase à a subjetividade das ações dos indivíduos, nos mostra que existe um grau de dependência entre os indivíduos e o que se chama de sociedade, para ele, é o produto da ação recíproca dos indivíduos. Essa ação, para Simmel (2006), envolve dois conceitos: Conteúdo e Forma.

Conteúdo: é tudo o que existe no indivíduo. Vontades, objetivos, finalidades. “Cujo objetivo consiste em causar efeitos sobre o outro ou então, receber esses efeitos dos outros.” (Simmel, 2006, p. 60). Só o conteúdo não gera interação, já que são intrínsecas do indivíduo. Para que tenha forma é imprescindível que seja externalizado.

Forma: é a externalização do conteúdo.

Simmel (2006) dispõe uma lista de características para diferenciar interação de sociabilidade e cita como exemplo a sociabilidade presente em um jogo de cartas, onde há a presença desses pontos:

1. **Autonomização na interação:** liberta-se de traços da realidade, a ponto de abandonar os problemas para usufruir do entretenimento;
2. **O Conteúdo de cada indivíduo resulta da união com os outros:** há o envolvimento de interesses mútuos;
3. **Socialização pura:** não há outra finalidade, a não ser a do simples prazer em socializar-se.
4. **Poder de solucionar qualquer problema:** uma vez que a sociabilidade independe da realidade;
5. **É restrita aos associados:** não é compartilhável a terceiros.
6. **Nenhum interesse egoísta assume o caráter regulador.** Isso porque o indivíduo que tem interesses fora do círculo sociado não entra no processo de sociabilidade.
7. **Discrição:** A quebra desse limite quebraria várias características que definem a sociabilidade, dentre elas: não se restringiria a associados, possuiria um caráter egoísta, não seria pura e não haveria autonomização.

Além de Simmel (2006), Lipovetsky (2022) cita a discrição como forma moderna da dignidade:

*“O narcisismo define-se menos pela explosão livre das emoções do que pelo encerramento em si próprio, ou pela discrição, signo e instrumento de self-control. Sobretudo, nada de excessos, de arroubos, de tensões que nos ponham fora de nós; é a retração sobre nós mesmos, reserva ou a interiorização que caracteriza o narcisismo, e não a exibição romântica.” (Lipovetsky, 2022, p. 103)*

Analisando os relatos das adolescentes é possível encontrar um sinal de que a sociabilidade está sendo vivenciada por uma delas:

*“Na escola somos em quatro. Entrar no grupo não é qualquer pessoa. Temos um código de lealdade e quem quiser fazer parte do grupo tem que passar no teste. Não aceitamos gente padrão e nem de direita (posição política). (sic) (D).”*

Todavia, na fala das demais adolescentes o que se percebe é a presença do Conteúdo, e uma certa dificuldade em transformar esse Conteúdo em Forma, quando relatam seus sentimentos e as dificuldades em fazer amigos.

Simmel (2006) fala sobre “Ondas de Sociabilidade”:

*“Pode-se também falar de uma onda de sociabilidade superior e inferior para os indivíduos. Tanto no momento em que o estar junto se apoia em um conteúdo e em uma finalidade objetivas, como no momento em que o fator absolutamente pessoal e subjetivo do indivíduo aparece sem qualquer reserva, a sociabilidade não é mais o elemento central e formador, mas, no máximo, continua a ser princípio mais formalista, superficial e mediador.” (Simmel, 2006, p.68).*

Aqui, vale uma reflexão. Diante dos relatos das adolescentes, estaríamos diante de uma “Onda inferior de sociabilidade” ou uma nova “Onda de sociabilidade” ainda não descrita pelos teóricos? Precisaremos, com o auxílio precioso de suas elaborações, acompanhar com atenção os novos desdobramentos da transformação das subjetividades, em diferentes grupos sociais e indivíduos.

#### **7.4 Meu corpo autolesionado**

O corpo é a prova da nossa singularidade. Não há no mundo alguém com um corpo como o meu, posso encontrar semelhanças, mas ainda assim o meu corpo continuará sendo único. Contudo, esse corpo único é confrontado por uma realidade que o experencia como objeto de consumo pelo mundo, adornado por um excesso de positividade, como desdobramento de uma cultura hedonista, que traz um alto custo à saúde integral do indivíduo.

Em contrapartida, esse excesso de positividade é permeado de cobranças que levam a exaustão, e não apenas isso, é um lugar de enaltecimento do “doar-se até a última gota”. Frases do tipo: “*no pain, no gain*”, “tem que ter sangue nos olhos”, “fogete não tem ré”, “enquanto eles dormem, você estuda”, que se tornaram *hashtag* nas redes sociais, revelam um pouco da glamourização do consumo dos corpos.

A fala da adolescente M expressa essa sensação de um esforço que parece nunca ser suficiente:

*“Eu tento dar o meu melhor, mas nunca é suficiente.” (sic) (M – Adolescente).*

Recorro ao filósofo sul-coreano, Chul Han (2015), na obra, *Sociedade do cansaço*, que no primeiro capítulo faz uma distinção de enfermidades por épocas históricas. Ele relembra a descoberta dos antibióticos, no início do século XX, que “venceu” a luta contra doenças infecciosas, que na época eram a principal causa de morte. Para Chul Han (2015) o século XXI reverbera essa ação imunológica, definida como ataque e defesa. Ele destaca que o século XXI é marcado pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza, sendo a alteridade a categoria fundamental da imunologia. As ausências dessas categorias deram lugar à diferença (que não provoca nenhuma reação imunológica) e o exótico (que ocupou o lugar do estranho).

Os sinais que as adolescentes nos mostram é que o esgotamento tem chegado antes da vida adulta. A violência neuronal, abordada por Chul Han (2015), de doenças como TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, Transtorno de Personalidade Boderline e a Síndrome de Bournout seriam desdobramentos desse excesso de positividade. Chul Han não aborda no livro o adoecimento de adolescentes, será que há impedimentos de fazermos associações diante do esgotamento que as adolescentes relataram na pesquisa? Podemos ao menos refletir sobre isso.

Para o autor, de maneira deliberada, “faz-se um pouco de autoviolência para proteger-se de uma violência ainda maior, que seria mortal.” (Chul Han, 2015, p. 14). Essa violência viria de duas fontes. A primeira, a dialética da negatividade, que busca negar o outro à medida que este penetra em si. Ao perceber que não é possível negar o outro, este sucumbe.

A outra fonte seria a positividade, não apenas do outro, mas também do igual. “O igual não leva à formação de anticorpos. Num sistema dominado pelo igual não faz sentido fortalecer os mecanismos de defesa.” (Chul Han, 2015, p. 16).

Para Chul Han, o sujeito do desempenho está livre da instância externa de dominação. Esse sujeito é senhor e soberano de si mesmo. O sujeito da obediência vê cair as instâncias que o levam a liberdade, mas não encontra satisfação. Ao contrário, liberdade e coação coincidem. O autor continua:

*“O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos.”* (Chul Han, 2015, p.30).

Não é difícil visualizar os adolescentes que praticam autolesão dentro dessa perspectiva teorizada por Chul Han. Além disso, a afirmação do autor de que o “sujeito do desempenho explora a si mesmo, até consumir-se completamente nesse processo de autoagressividade” (Chul Han, 2015, p. 102) nos faz refletir sobre o peso que é viver em uma sociedade que valoriza a liberdade, mas é uma liberdade que aprisiona e faz sucumbir o vazio, como cita Lipovetsky (2020):

*“Quanto menos as normas coletivas nos regem nos detalhes, mais o indivíduo se mostra tendencialmente fraco e desestabilizado. Quanto mais o indivíduo é socialmente inconstante, mais surgem manifestações de esgotamentos e desarranjos subjetivos; quanto mais ele quer viver livre e intensamente, mais cresce a expressão de peso de viver.”* (Lipovetsky, 2020, p.89).

A maneira como as adolescentes relatam pertencer a esses corpos também expressa a maneira como se veem no mundo. O corpo é a materialização da nossa presença no mundo. É por meio desse corpo que vamos construindo a nossa identidade, não apenas aos nossos olhos, mas aos olhos dos outros.

O corpo autolesionado nos revela, de maneira visual, um corpo disponível para todas as experimentações. Nesse sentido, Lipovetsky (2022) afirma que “o narcisismo procede de um hiper investimento de códigos e funciona como tipo inédito de controle social sobre as almas e os corpos.” (Lipovetsky, 2022, p. 100).

“Onde começa ou acaba o corpo? As suas fronteiras recuam, tornam-se fluidas” (Lipovetsky, 2022, p. 97). A sensação de alívio descrita pelas adolescentes com a prática da autolesão não suicida parece ter uma relação com essa quebra de fronteiras. O sangue é fluido, e de alguma forma, provocar a dor as faz sentir, tirando-as do estado de apatia.

Outro aspecto observado no relato das adolescentes é a depreciação do próprio corpo. Esse também é um ponto de destaque levantado por Lipovetsky, quando afirma que “o narcisismo nutre mais ódio do que admiração pelo Eu”. (Lipovetsky, 2022, p. 112).

## 7.5 SIGNIFICADOS DA AUTOLESÃO PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

Início este tópico fazendo menção a junho de 2010, mês e ano em que foi lançado o iPhone 4, o primeiro iPhone com câmera frontal, facilitando, globalmente, gravar vídeos e tirar fotos de si mesmo. (HAIDT, 2024).

Ainda em 2010 é lançado o Instagram, com acesso restrito a aparelhos celulares. Dois anos após o lançamento, a plataforma foi comprada pelo *Facebook*, saltando de 10 milhões de usuários em 2011, para 90 milhões no começo de 2013. (HAIDT, 2024). Segundo o autor, no livro *A geração ansiosa*, nascia ali a “infância baseada no celular”, criando um metaverso digital.

Ter em mente esse marco temporal é relevante para melhor compreensão do que foi dito pela psicóloga escolar e pela orientadora, entrevistadas para esse trabalho, sobre o acesso às telas:

*“A perda de habilidade social é algo que me preocupa. Quanto mais telas menos habilidades sociais. Os adolescentes não estão conseguindo resolver os conflitos cara a cara, se protegem nas telas. Acabam criando mais dificuldade para fazer amigos reais. Existem tantas situações na vida que esses amigos virtuais não vão estar presentes. (Sic) (Psicóloga Escolar).*

*“Aparece muito o bullying, conflitos com a sexualidade, acesso precoce a aparelhos celulares.” (Sic) (Orientadora Escolar).*

No livro *A geração ansiosa*, Haidt, (2024) salienta que a dificuldade em estabelecer amigos passa por uma mudança em quatro traços que, por milhões de anos, caracterizaram as interações sociais: somos seres corporificados; interação acontecendo de forma síncrona; comunicação direcionada de um para um ou um para alguns (com apenas uma interação acontecendo em determinado tempo) e por fim o custo de entrada em saída nas comunidades sociais.

Haidt, (2024) compara os traços acima com outros quatro traços, que segundo ele, surgiram há apenas algumas décadas:

1. Interações sociais descorporificadas: o corpo se distancia da comunicação, bastando a linguagem;
2. Interações assíncronas, por comentários, textos e gravação de áudio e vídeo;

3. Interações um para muitos, onde se transmite a mensagem para um público vasto e com múltiplas interações acontecendo em paralelo;
4. Interações acontecendo dentro de comunidades sem custo de entrada e saída, basta com um clique para bloquear as pessoas ou sair da comunidade quando não se está satisfeito.

Haidt (2024) continua sua explicação, asseverando:

“A infância humana evoluiu no mundo real, e a mente das crianças espera os desafios do mundo real, que é corporificado, síncrono e de um para um ou de um para alguns, dentro de comunidades duradouras. Para o desenvolvimento físico, elas precisam brincar e correr riscos fisicamente. Disputas virtuais em um jogo on-line confere pouco ou nenhum benefício físico. Para o desenvolvimento social, as crianças precisam aprender a arte de fazer amigos, que é corporificada; amigos fazem coisas juntos e enquanto crianças se tocam, abraçam e lutam. Os erros envolvem um custo baixo e podem ser retificados em tempo real. Mais que isso: há sinais corporificados claros dessa retificação, como um pedido de desculpas com aperto de mão deixam claro para todo mundo que está tudo bem, que ambas as partes estão prontas para seguir em frente e continuar brincando, que ambas as partes estão desenvolvendo sua capacidade de reparar um relacionamento. Já quando transferem seus relacionamentos sociais para o mundo virtual, os jovens se tornam descorporificados, assíncronos e às vezes descartáveis. Erros mínimos podem implicar um custo alto, em um mundo virtual, onde o conteúdo sobrevive para sempre e todos podem acessá-lo. Erros podem ser recebidos com críticas agressivas das mais variadas pessoas com as quais não se tem o menor vínculo. Pedidos de desculpas costumam ser ridicularizados, e os sinais de reinclusão podem ser vagos ou confusos. Em vez de adquirir experiência no domínio social, a criança muitas vezes fica com uma sensação de incompetência social, perda de status e ansiedade em relação a interações futuras.” (Haidt, 2024, p. 100).

De alguma maneira essa superficialidade das relações sociais estava presente em 1917, quando George Simmel escreveu a obra *Questões fundamentais da Sociologia*. Simmel (2006) afirma que caso a sociabilidade corte totalmente os laços que a unem com a realidade da vida, ela deixa de ser um jogo e passa a ser apenas uma brincadeira insignificante, com formas vazias, um esquema sem vida.

Simmel (2006) afirmava ainda: “uma vida independente e que transcorra sob as próprias normas, cujos aspectos superficiais de interação social foram fornecidos pela sociabilidade, será para nós algo desprovido de vida e significado.” (Simmel,

2006, p. 81). Diante disso, não estaríamos diante do cenário previsto por Simmel, quando fala do rompimento dos laços com a realidade e seus desdobramentos?

Ainda nessa perspectiva de desenvolvimento de habilidades sociais, Haidt (2024) afirma que crianças procuram emoções fortes. Elas precisam dessas emoções para superar seus medos de infância e a configurar o cérebro a um modo descoberta e não defesa, como padrão. Para ele:

*“Crianças precisam brincar no balanço e depois descer dele pulando. Precisam explorar florestas e ferros velhos em busca de novidades e aventuras. Precisam gritar com amigos enquanto assistem a um filme de terror ou andam na montanha-russa. No processo, desenvolvem várias habilidades, incluindo a capacidade de avaliar riscos sozinhas, agir da maneira apropriada quando deparam com eles e aprender, que mesmo que as coisas deem errado e mesmo que elas se machuquem, em geral são capazes de lidar com a situação sem precisar chamar um adulto.”* (Haidt, 2024, p. 94).

O autor cita um artigo publicado em 2023 que revelou seis tipos de riscos que as crianças buscam, quando os adultos lhes dão liberdade, sendo:

*“altura (como subir em árvores ou em brinquedos do parquinho), alta velocidade (no balanço ou no escorregador), ferramentas perigosas (como martelos e furadeiras), elementos perigosos (como o fogo), brincadeiras de mão (como lutinhas) e desaparecer (esconder-se, perambular-se, sujeitar-se a se perder ou se separar do grupo). Vídeos games e jogos online não oferecem nenhum desses riscos, ainda que jogos como Fortnite mostrem avatares fazendo tudo isso. Somos criaturas corporificadas; as crianças precisam aprender a administrar seu corpo no mundo físico, antes de começar a passar horas no mundo virtual.”* (Haidt, 2024, p. 95).

Para mostrar os impactos de uma criação temerosa, Haidt (2024) compartilha um outro artigo, agora, dentro da temática sociologia do medo, de Frank Furedi, intitulado *Criação paranoica: porque ignorar os especialistas pode ser melhor para o seu filho*.

Furedi (2001) *apud* Haidt (2024) diz que:

*“O livro inclui dezenas de histórias do Reino Unido, como a mãe que dirigiu horas atrás de um ônibus escolar que levava seu filho em uma excursão, só para se certificar que o menino chegaria em segurança. O livro de Furedi é especialmente importante porque foi escrito por um sociólogo acadêmico e não por um especialista em parentalidade. Ele analisa a importância no comportamento dos pais como uma resposta*

*às mudanças sociais, econômicas e tecnológicas dos anos 1980 e 1990: por exemplo, a ascensão da TV a cabo e sua capacidade de disseminar notícias que aterrorizam os pais; o aumento no número de mulheres trabalhando fora e o correspondente aumento de creches e contraturnos; e a influência crescente de especialistas na criação de filhos, cujos conselhos, não raros, refletiam mais suas visões sociais e políticas que um consenso científico.” (Haidt, 2024, p. 105).*

“Queremos hematomas, não cicatrizes.” (Haidt, 2024, p. 97). Haidt, usa uma maneira didática para mostrar as mudanças culturais e sociais das últimas décadas, que permeiam o que o autor chama de “segurismo”. Mas, antes de partir para a ilustração que o autor usa, é importante a compreensão do que ele denomina de segurismo:

*“é uma cultura ou um sistema de valores no qual a segurança se tornou o valor sagrado, o que significa que as pessoas passaram a relutar em fazer trocas exigidas por outras preocupações práticas e morais. A segurança se sobrepõe a todo o resto, não importa quão improvável ou trivial seja o risco em potencial. “(Haidt, 2024, p. 109).*

Como ilustração do conceito, o autor faz uso de imagens para comparar mudanças estruturais nos parquinhos, ao longo das últimas décadas:

### **Imagem 1: Um parquinho excessivamente perigoso em Dallas, Texas**

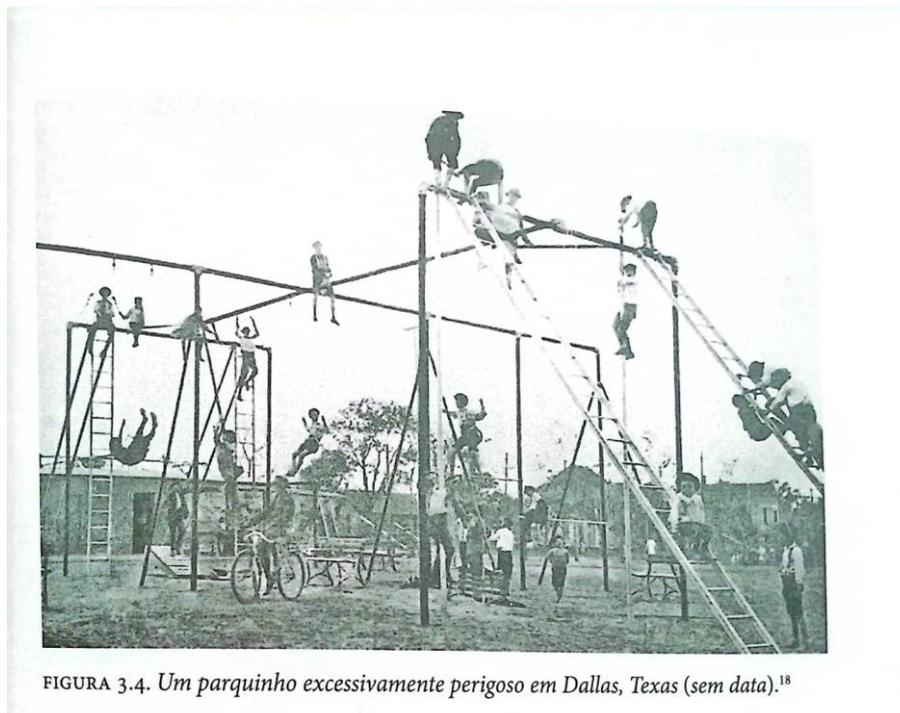


FIGURA 3.4. Um parquinho excessivamente perigoso em Dallas, Texas (sem data).<sup>18</sup>

Fonte: Imagem extraída do livro *A geração ansiosa*. (Haidt, 2024, p. 95).

## Imagem 2: Um gira-gira, dos anos 1970.



FIGURA 3.5. Um gira-gira, uma das principais atrações dos parquinhos norte-americanos nos anos 1970.<sup>21</sup>

Fonte: Figura extraída do livro *A geração ansiosa*. (Haidt, 2024, p. 96).

## Imagem 3: Parquinho para crianças antifrágéis



FIGURA 3.6. Um parquinho excessivamente seguro, que oferece poucas oportunidades para crianças antifrágéis aprenderem a não se machucar.<sup>23</sup>

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Figura extraída do livro *A geração ansiosa*. (Haidt, 2024, p. 96).

Importante destacar que a referência às ideias de Haidt neste estudo não é, de forma alguma, uma busca por algum manual ou guia explicativo para as dificuldades em criar laços de amizades relatados pelas adolescentes, dificuldade essa corroborada na fala das profissionais da educação. Longe disso, o propósito é que contribua para expandir o olhar, tendo como premissa o que Simmel traz sobre o fazer sociedade, um processo dinâmico, onde os laços que atam os indivíduos são feitos, desfeitos e refeitos em uma fluidez que reflete movimentos do que é vir a ser uma vida social.

Ao olhar as imagens comparativas dos parquinhos frequentados há mais de 40 anos e os atuais podemos mergulhar na antropologia das emoções, estudada por Simmel, e que nos remete a um jogo entrelaçado de distâncias, medos e mudanças na forma do corpo lidar com as emoções para além de aspectos inatos destas, mas emoções que são reflexo de uma forma de pensar cultural e histórica, que tem o corpo como expressão do ser.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Cheguei no banheiro dos meus pais, eu não sentia nada, ao mesmo tempo sentia tudo.*

*Sentei, rezei, mas Deus tava longe, muito ocupado, afinal eu não sou normal.*

*Em meio ao desespero vi uma gilete usada na pia do banheiro.*

*Eu não raciocinei, tava sem discernimento.*

*Parei e só foquei no lindo brilho da lâmina prateada.*

*Algo me dizia que ali tava minha saída.*

*Encostei a lâmina de lado na pele suada.*

*Pressionei até que a dor afastou minha apatia.*

*E eu vi escorrer na pia alegria avermelhada.*

*Eu vi escorrer na pia agonia acumulada.*

*Eu vi escorrer na pia a solidão da minha sala.*

*Eu vi escorrer na pia o que os alunos falavam.*

*Eu vi descer pelo ralo tudo aquilo que eu fugia.*

*Nem foi um corte profundo, mas o sentimento é abissal.*

*Meu corpo sentia dor.*

*Eu esquecia que minha mente estava mal.” (Mc Sid, 2020. Trecho da música Carta Nº 1).*

Realizar este trabalho permitiu, antes de mais nada, o aprofundamento dos estudos sobre adolescência, adolescentes em sofrimento emocional e, principalmente, sobre a prática de autolesão.

Expandir o olhar para além dos aspectos psicológicos foi um imenso desafio, afinal já são quase 20 anos de atuação como psicóloga em organizações e no atendimento clínico. “Conversar” com as ciências sociais, ter acesso à parte do que foi escrito por antropólogos, sociólogos e filósofos foi enriquecedor tanto pessoal quanto profissionalmente, expandindo e complexificando minha compreensão.

Esse percurso exploratório favoreceu uma caminhada por vezes tortuosa e que me exigiu resiliência e estratégias para superá-la. Um estudo que era para ter sido concluído em dois anos estendeu-se para quatro anos e dois meses. Ao longo da jornada muitos desafios enfrentados: pandemia COVID – 19 (e seus desdobramentos emocionais e financeiros, somados a uma rotina de cuidados *home care* com minha sogra e meses depois o luto de sua partida), adoecimento da minha mãe que passou por tratamento de um câncer e duas cirurgias que tive que passar nos últimos 18 meses, dificultaram a produção da dissertação, mas não me fizeram desistir do objetivo de concluir meus estudos de mestrado.

Apresento a partir de agora uma perspectiva crítica do meu estudo, questionando se os objetivos da pesquisa foram alcançados, bem como pontuando o que poderia ter sido feito de maneira diferente e que influenciou nos resultados alcançados. Destacarei também os potenciais deste trabalho à comunidade científica, profissionais da educação e a adolescentes que vivenciam a prática da autolesão, bem como lacunas que apontem aprofundamento para eventuais estudos futuros.

O comportamento autolesivo é bastante difundido no mundo virtual, principalmente entre adolescentes. O trecho da música compartilhada no início deste capítulo é uma amostra do alcance que essa temática tem na rede mundial de computadores. O vídeo clipe, disponível no *Youtube*, tem mais de 1.600.000 visualizações e mais de 3.500 comentários.

O lançamento do vídeo clipe foi no período da quarentena, imposto pela pandemia COVID-19, em setembro de 2020. O autor, morador de Brasília,

compartilha, como num diário, o dia que começou a praticar autolesão não suicida. Era o aniversário de 13 anos, a casa estava preparada para receber os amigos da escola, mas ninguém compareceu. Nos comentários da publicação do vídeo clipe mais de 3.500 pessoas se manifestam e muitos agradecem o autor por conseguirem expressar o que gostariam.

Apesar do interesse pela temática na rede mundial de computadores, quando analisamos as produções acadêmicas sobre o tema nos deparamos com uma escassez de produções que apresentem a autolesão para além de uma visão patológica. Dos mais de 2.100 artigos encontrados no *Google Scholar*, a grande maioria associa a autolesão a comportamento suicida e muitos restringem-se às ciências psicológicas e da saúde, com poucas contribuições das ciências sociais.

A intenção desta pesquisa, contudo, foi aprofundar as reflexões no campo das ciências sociais sobre a autolesão na adolescência a partir do ponto de vista de quem a pratica ou se envolve com ela: neste nosso estudo, as adolescentes e as profissionais de educação, que lidam diariamente com o acolhimento dos adolescentes.

O caminho metodológico desenvolvido na pesquisa foi norteado pela abordagem qualitativa, com uso da técnica de grupo focal. A escolha por essa técnica foi influenciada pelo resultado alcançado com os alunos do CEF, nos primeiros encontros realizados, no ano de 2021, logo após o retorno às aulas presenciais, após mais de um ano em isolamento social imposto pela pandemia do COVID – 19. Naquele ano os alunos se mostraram encorajados a compartilhar suas emoções. A adaptação ao retorno à liberdade era visível, havia uma sensibilidade compartilhada, o grupo estava no mesmo momento histórico e esse simbolismo trouxe aproximação.

Ao retomar o grupo focal nesse segundo semestre de 2024, agora, os alunos já adaptados à rotina escolar, encontro outros alunos. Aqueles de 2021, que cursavam do 6º ao 9º ano, em sua grande maioria findaram esse ciclo escolar, os poucos que ficaram são os que tiveram reprovações. Além daqueles que não concluíram o Ensino Fundamental II no CEF por mudanças de escola.

Das quatro adolescentes que participaram da pesquisa, duas eram recém-chegadas ao CEF. Diferente do ambiente que vivenciei no ano de 2021, agora, essas adolescentes demonstram desconfiança. Não tem mais o vínculo que aquele

período histórico da pós pandemia proporcionou. Agora são elas e suas dores internas, sem aquele laço histórico, que de alguma forma ajudava a se aproximar do outro.

Acredito que se tivesse utilizado recursos projetivos, como desenhos, jogos, recursos de imagens poderia ter enriquecido o grupo focal e favorecido o aprofundamento dos significados que as adolescentes atribuem a prática da autolesão não suicida.

As perguntas que nortearam os cinco encontros com o grupo foram: O que a prática da autolesão significa para os/as adolescentes que a praticam? O que elas querem comunicar com as cicatrizes autoprovocadas?

O objetivo geral foi traçado a partir do problema de pesquisa, qual seja: investigar os significados que os alunos do Centro de Ensino Fundamental em Brasília atribuem à prática de autolesão não suicida.

Os conceitos explorados no estudo foram: Hipermodernidade de Lipovetsky; Individualismo Narcísico, também de Lipovetsky; Panóptico digital e Sujeitos do Desempenho de Chul Han, Conteúdo e Forma na sociabilidade de Simmel e Segurismo de Haidt.

Uma das limitações deste trabalho foi o escasso aprofundamento na teorização de autores com tantos conceitos e reflexões. Para futuros estudos, pretende-se aprofundar as leituras e a densidade da escrita sobre tais conceitos. Em termos de uma iniciação à possibilidade de compreender a interdisciplinaridade, de como a clínica psicológica ganha com a visão das ciências sociais, a leitura desses autores foi preciosa.

O processo de construção e análise dos dados proporcionou avaliar cinco categorias: 1) Autopercepção do corpo; 2) Como lidam com os imperativos sociais; 3) O corpo e suas expressões da sociabilidade; 4) Como lidam com o corpo autolesionado que expressa amor e ódio por si mesmo; 5) Significado que as profissionais da educação dão a prática da autolesão.

O trabalho evidenciou que o significado atribuído a prática da autolesão é alívio. Os sentimentos relevados foram de: angústia, culpa por não ser suficiente, vergonha e ódio do corpo. O comportamento autocrítico e a fala depreciativa da autoimagem foi relatado pelas quatro adolescentes.

Quanto às motivações subjetivas para a prática da autolesão não suicida, o trabalho identificou a presença da violência no histórico das participantes. As quatro relataram sofrer *bullying* e uma delas além de sofrer a violência, praticava *bullying* na escola.

Outra motivação subjetiva foi revelada ao conhecer o contexto familiar das participantes. Ficou nítida a dificuldade em estabelecer relações afetivas seguras. A fala remete a uma relação de cobrança excessiva e um desvalor do sentimento que compartilham em casa. A dificuldade em ter amigos também se mostrou como motivação subjetiva importante; há um cansaço por estarem sós.

Outro aspecto observado foi a desistência de alunos em participarem da pesquisa quando informados da necessidade de formalizar a participação com a anuência dos pais. Alguns pais não sabiam da autolesão. A descrição deles é que por medo e vergonha achavam melhor não participarem. Esse comportamento revela o quanto a sociedade considera a autolesão um tabu. Em contrapartida, o relato das profissionais da educação mostra o quanto os adolescentes sentem-se à vontade quando encontram um lugar onde passam falar sem julgamentos, sem o medo de serem punidos.

Sobre os indicadores de risco e proteção à prática da autolesão não suicida a literatura compartilhada neste estudo revela o quão desafiador é detalhá-los. Os fatores de risco passam pelos desafios que é adolecer em meio às transformações corporais, culturais e sociais. Percebe-se que esses fatores de risco diminuem à medida que o adolescente tem espaço para falar sobre suas angústias, esse acolhimento envolve orientação para os adolescentes, pais, professores bem como promoção de atividades que envolvam interação social ao ar livre, explorando a natureza em grupo.

Anseio que a pesquisa aqui relatada possa servir, de algum modo, para o aprofundamento de questões que não foram suficientemente exploradas. Do mesmo modo, almeja-se que outros estudos possam fazer uso dos nossos resultados e reflexões para a construção de novos conhecimentos sobre a autolesão, bem como incentivar adolescentes e familiares a buscarem um acompanhamento especializado.

## REFERÊNCIAS

A Autolesão Não Suicida: uma revisão de literatura e a defesa da descolonização do termo Laura Lorenzetti Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil <https://orcid.org/0000-0003-3706-3067> Júlia Silbiger Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil <https://orcid.org/0000-0002-9392-3837> Raquel Souza Lobo Guzzo Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil <http://orcid.org/0000-0002-7029-2913>

ARISTOTELES. **A Política**. São Paulo. Editora Atenas 1985

ASSIS, S. G.; CONSTANTINI, P.; AVANCI J. Q.; NJAINE, K. (org.) **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CDEAD/ENSP, 2023. *E-book*. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/livro/impactos-da-violencia-na-escola-um-dialogo-com-professores>. Acesso em: 23 de nov. de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Cartilha para prevenção da automutilação e do suicídio. Orientações para educadores e profissionais da saúde**. Fundação Demócrito Rocha Fortaleza, 2020. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha\\_prevencao\\_automutilacao\\_suicidio\\_orientacoes\\_educadores\\_profissionais\\_saude.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_prevencao_automutilacao_suicidio_orientacoes_educadores_profissionais_saude.pdf). Acesso em: 07 de nov. de 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Brasília (DF), 2016.

DESLANDES, Suely Ferreira; COUTINHO, Tiago. **O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da Covid-19 e os riscos para violências autoinflingidas**. Disponível em: [cielo.br/j/csc/a/56TbmHfDsWJyK6DVJzjcHhp/?format=pdf&lang=pt](https://cielo.br/j/csc/a/56TbmHfDsWJyK6DVJzjcHhp/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 27 de out. de 2023.

HAIDT, Jonathan. **A Geração Ansiosa**. São Paulo. Companhia das Letras. 2024

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

LE Breton, D. Escarificações na Adolescência: Uma Abordagem Antropológica. *Horizontes Antropológicos* v. 16, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2022

LIPOVETSKY, Gilles. CHARLES, Sebastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LORENZETTI, Laura. **Autolesão não suicida em idade escolar: uma agressão que conforta?** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2021. Disponível em: [https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16492/ccv\\_ppgpsico\\_me\\_Laura\\_L.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16492/ccv_ppgpsico_me_Laura_L.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 26 de out. de 2023.

MC SID. Carta Número 1 para SID Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t8jeZAC06Wk&rco=1>

MELVIN, L. WOLKMAR, F.R. **Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

**OMS publica orientações para reduzir taxa de suicídio em um terço até 2030**. Viva Bem. São Paulo, 17 de jun. de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/17/oms-saude-guia-taxa-mortes.htm>. Acesso em: 20 de out. de 2021.

PALAU, José Roberto Fortes. **A força salvífica da mortificação: proposta de uma nova reflexão teológico-pastoral acerca da mortificação cristã**. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SANTA'NNA, I.M. **Autolesão não suicida na adolescência e a atuação do psicólogo escolar**. Pepsic, Passo Fundo, junho de 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpi/v11n1/08.pdf>. Acesso em: 27 de out. de 2023.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena. AZNAR, Maria. SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. **Adolescência através dos séculos**. Psicologia: Teoria. e Pesquisa, 2010.

SILBINGER, Júlia **Autolesão em adolescentes pela perspectiva da psicologia crítica**. (Relatório de Iniciação Científica/2021). Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental." Em: **O fenômeno urbano**, por Otávio Guilherme Velho, tradução: Sérgio Marques dos Reis, 11-25. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

## APÊNDICE 1 – TÓPICO GUIA

<b>Bloco Temático</b>	<b>Pergunta</b>	<b>Objetivo</b>
<p>Contato inicial</p> <p><b>Bloco aplicado em: 19.6</b></p>	<p>Descreva o que é adolecer para você</p>	<p>Conhecer o contexto social e afetivo que o adolescente está inserido.</p>
<p>Local de moradia: Situação de moradia e sociabilidade</p> <p><b>Bloco aplicado em: 19.6</b></p>	<p>Vocês moram em qual localidade? Me fale um pouco sobre como é o seu dia a dia em sua casa e a interação com os amigos da vizinhança.</p>	<p>Conhecer o contexto que vivem e suas interações sociais.</p>
<p>Escola</p> <p><b>Bloco aplicado em: 20.6</b></p>	<p>Como é a relação de vocês com a escola? O que vocês mais gostam e menos gostam na escola?</p>	<p>Identificar possíveis problemas vividos na escola.</p>
<p>Relação com os pais e ou responsáveis</p> <p><b>Bloco aplicado em: 21.6</b></p>	<p>Com quem vocês moram? Como é a relação de vocês com essas pessoas?</p>	<p>Conhecer o contexto familiar e como se constituem as relações intergeracionais.</p>
<p>Amizades e vida social</p> <p><b>Bloco aplicado em: 21.6</b></p>	<p>Como é o seu círculo de amigos? Quais as programações vocês fazem juntos?</p>	<p>Conhecer as relações de amizades e vida social.</p>
<p>Perspectiva de Futuro</p> <p><b>Bloco aplicado em: 24.6</b></p>	<p>Quais são os seus sonhos?</p>	<p>Conhecer as projeções futuras.</p>
<p>Autolesão não suicida</p> <p><b>Bloco aplicado em: 25.6</b></p>	<p>Há quanto tempo você pratica autolesão não suicida? Em quais partes do corpo você se corta?</p>	<p>Identificar o histórico da prática de autolesão não suicida.</p>

	Como você se sente após se autolesionar?	
--	--	--

## APÊNDICE 2: FORMULÁRIO DO PERFIL PSICOSSOCIAL DO ADOLESCENTE

### BLOCO 1

Entrevista nº \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Por qual pronome você prefere ser chamado?: Ele/dele ( ) Ela/dela ( ) Outro ( )

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Composição familiar: \_\_\_\_\_

Atuação profissional dos pais ou responsáveis:

---



---

### BLOCO 2:

Você passa ou já passou por esses problemas na família:

- ( ) Separação conflituosa dos pais ou abandono afetivo do pai e/ou da mãe;
- ( ) Desvalorização, rejeição por parte da família; -
- ( ) Violência familiar;
- ( ) Dependência de álcool ou drogas;
- ( ) Conflitos na família.
- ( ) Depressão de um dos pais ou ambos.

Quais:

---

### BLOCO 3:

Em seus relacionamentos (na escola, com amigos fora do ambiente escolar, entre familiares) faz parte do seu dia a dia:

- ( ) Sofrer Bullying e cyberbullying;
- ( ) Fez ou faz bullying com os colegas.
- ( ) Ter colegas e conhecidos que se auto agridem;
- ( ) Buscar informações sobre autolesão pela mídia no mundo digital;
- ( ) Enfrentar dificuldade de relacionamento;
- ( ) Buscar por isolamento.
- ( ) Tem vontade de estar em grupo com os colegas mas não consegue se aproximar.

### BLOCO 4:

Você enfrenta dificuldades para lidar com sua autoimagem? ( ) Sim ( ) Não

Não

Você se identifica com algumas dessas dificuldades:

- ( ) Evita sair em fotos
  - ( ) Tenta esconder sua aparência com roupas
  - ( ) Se compara excessivamente com outros (as) adolescentes
  - ( ) restringe a alimentação por insegurança da sua imagem
- Você é criticado (a) do seu corpo? ( ) Sim ( ) Não
- Quais são as críticas que você mais ouve?

**BLOCO 5:**

Quando se lembra da sua infância vem memórias de algum desses sofrimentos?

- ( ) Negligência;
- ( ) Abusos e maus tratos: sexual, físico, emocional;
- ( ) Dificuldade de apego;
- ( ) Doença grave ou cirurgias na infância;
- ( ) Estresse emocional precoce.

Que tipo de apoio você tem da família e parentes para lidar com a prática da autolesão não suicida?

- ( ) carinho
- ( ) busca por profissionais da área da saúde
- ( ) atenção
- ( ) diálogo
- ( ) outro
- ( ) nenhum sente falta de algum(ns) especificamente? qual(is)

Como você caracteriza o tipo de ajuda ou apoio, de acordo com a escala:  
 Sempre                      às vezes                      nunca?

- da mãe
- do pai
- do(s) irmão(ões)
- dos parentes
- do cônjuge
- dos amigos da escolar

Onde e com quem você encontra apoio quando não está se sentindo bem?

---



---



---

**BLOCO 6:**

Liste as coisas que você gosta de fazer:

---



---



---

E você faz? ( ) Sim ( ) Não

Liste as coisas que **não** gosta de fazer,

---



---

E você faz? ( ) sim ( ) não

Liste as coisas que gostaria de fazer e não pode fazer

---

---

Por qual (quais) motivo (s) você não pode fazer?

---

---

Faça comentários se desejar:

---

---

---

### **APÊNCIE 3 - TERMO DE ASSENTIMENTO DO ADOLESCENTE**

Prezado adolescente,

Você foi convidado(a) para fazer parte de um estudo para entender melhor a prática de autolesão não suicida (cortes propositais no corpo).

Alguns jovens podem passar por situações difíceis na vida que podem deixá-las tristes, com medo, frustrados. Entender melhor como os adolescentes lidam com situações difíceis da vida poderá contribuir para ajudar no bem-estar de outros jovens de diversas partes do mundo.

Pode haver algumas palavras que você não entenda ou coisas que você gostaria que eu explicasse melhor. Você pode me interromper a qualquer momento e eu explicarei com o maior prazer.

Estamos convidando você e outros adolescentes para participar dessa pesquisa. A sua participação é voluntária, isto é, você pode escolher se quer ou não participar.

Nós conversamos sobre essa pesquisa com os seus pais ou responsáveis e eles sabem que nós também estamos solicitando o seu consentimento. Se você participar dessa pesquisa, seus pais ou responsáveis também irão assinar um papel autorizando.

Caso você não queira participar da pesquisa, você não precisa, mesmo que os seus pais tenham consentido. Seus pais não estarão junto com você durante a entrevista.

Você pode retirar a sua participação a qualquer momento sem que isso traga prejuízo para você ou para a sua família.

Você não terá custos financeiros para participar deste estudo e também não haverá remuneração para sua participação na pesquisa.

Não falaremos para outras pessoas que você está nesta pesquisa e também não daremos nenhuma informação sobre você para qualquer um que não trabalhe na pesquisa.

Qualquer informação sobre você terá um número ao invés de seu nome. Só os pesquisadores saberão qual é o seu número e manteremos em segredo.

Os resultados do estudo serão apenas divulgados na defesa do mestrado da professora Tatiane e em seminários e artigos científicos.

Primeiro nós iremos fazer uma série de perguntas sobre coisas que aconteceram na sua vida e sobre a sua relação com as outras pessoas da mesma idade e com a sua família.

Em um segundo momento, em dia diferente do que ocorreu a entrevista, faremos uma Roda de Conversa, somente com os adolescentes que participam da pesquisa. O objetivo é proporcionar uma troca de experiências e te encorajar a falar sobre suas dores ao ouvir o relato de outros adolescentes que enfrentam desafios semelhantes. Lembrando que caso não sinta-se a vontade para participar basta sinalizar a pesquisadora responsável, sem nenhum prejuízo para você.

Haverá perguntas sobre coisas que aconteceram na sua vida que podem ter feito você se sentir triste, como alguma briga ou doença.

Nós também perguntaremos sobre possíveis tentativas de se machucar e quais as razões que podem ter contribuído para isso.

Você não precisa responder a todas as perguntas se não quiser.

Se você se sentir desconfortável ou triste ao lembrar de coisas que aconteceram na sua vida, por favor diga para mim, assim nós poderemos fazer uma pausa e conversar se você quiser.

Nós conduziremos a entrevista com muita sensibilidade, pois o seu bem estar é de extrema prioridade para nós.

Contudo, se você não se sentir bem disposto após a entrevista, nós podemos continuar conversando e marcar uma consulta com um psicólogo da nossa rede de contatos.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Fone:(51)35911122Ramal3219

E-mail: cep@unisinobr

Você pode conversar sobre qualquer coisa deste termo com os seus pais ou amigos ou qualquer outra pessoa que você se sinta confortável.

Você também pode manter contato com a pesquisadora Tatiane Batista Domingues Macêdo, pelo telefone (61) 999136-4714 e/ou pelo e-mail [batisttatiane@gmail.com](mailto:batisttatiane@gmail.com), de segunda a sexta-feira, das 9h às 16h.

Você poderá decidir se quer ou não participar depois de ter conversado sobre isso com alguém. Você não precisa decidir imediatamente.

Você tem alguma dúvida? Por favor, pergunte caso tenha qualquer dúvida.  
Caso

Eu entendi que a pesquisa é sobre o impacto de situações difíceis na vida de adolescentes e eu entendi que irei conversar com a pesquisadora sobre coisas que podem ter me deixado triste no passado e também situações que eu esteja passando no presente e pensamentos sobre o meu futuro.

· \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

Nome \_\_\_\_\_ completo:

Assinatura \_\_\_\_\_ Participante\*:

Assinatura

Pesquisador responsável: \_\_\_\_\_

**(TatianeDomingues)**

\*Caso o(a) você tenha dificuldade para ler ( ) SIM ( ) NÃO o escrito acima, a pesquisadora fará leitura pausada desse documento e irá esclarecer a todas as suas dúvidas.

Antes da leitura desse documento a pesquisadora irá ler o seguinte parágrafo: —Devido à dificuldade ou impossibilidade de leitura do Termo de Consentimento presente, eu, na qualidade de pesquisadora, irei ler o Termo de Consentimento na íntegra e o adolescente irá dizer seu nome completo e depois poderá confirmar ou não oralmente se concorda em participar da presente pesquisa. A estratégia de gravação da leitura e concordância oral com o Termo de Consentimento Esclarecido substitui a assinatura do participante de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde 510/16. Toda a leitura do termo, incluindo este parágrafo será gravado.

#### **APÊNCIE 4 - TERMO DE ASSENTIMENTO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS**

Prezados pais ou responsáveis,

O/A adolescente está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Autolesão não suicida em adolescentes: estudo de caso de um Centro de Ensino Fundamental em Brasília” desenvolvida pela mestrandia Tatiane Batista Domingues Macêdo, aluna do Programa de Pós Graduação da UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo/RS.

O objetivo central do estudo é conhecer sobre a prática de autolesão não suicida entre adolescentes. São convidados a participar da pesquisa adolescentes que praticam autolesão ou já tenham praticado nos últimos dois anos.

Deve ficar claro que o adolescente só participará da pesquisa se você autorizar. Além disso, o(a) adolescente terá adicionalmente a decisão de querer ou não participar através do termo de assentimento.

Você deve sentir-se suficientemente esclarecido(a) e informado(a) sobre a pesquisa para tomar a sua decisão. A não participação na pesquisa não acarretará nenhum dano para o adolescente nem para você.

Deve ficar claro que o(a) adolescente poderá retirar-se da pesquisa a qualquer momento sem que ocorra qualquer tipo de penalização. Contudo, a participação do adolescente é muito importante para a execução da pesquisa.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas por ele(a), bem como o sigilo em qual escola a pesquisa foi feita. Tomaremos todos os cuidados necessários para que qualquer dado que possa identificá-lo e a sua família seja omitido.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, o(a)adolescente poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

As informações concedidas pelo(a) adolescente não serão compartilhadas com os pais ou responsáveis. Toda informação obtida será cuidadosamente guardada em local reservado, vedado ao acesso de terceiros. Somente terá acesso ao material da pesquisa a mestrandia Tatiane Batista Domingues Macêdo. O material de pesquisa será utilizado unicamente para o propósito desse estudo.

A participação do adolescente consistirá em responder perguntas sobre os eventos relacionados a prática da autolesão não suicida, ou seja, suas características, sua relação com a família, com a escola e a comunidade.

Em um segundo momento, em dia diferente do que ocorreu a entrevista, faremos uma Roda de Conversa, somente com os adolescentes que participam da pesquisa. O objetivo é proporcionar uma troca de experiências encoraja-lo a falar sobre suas dores ao ouvir o relato de outros adolescentes que enfrentam desafios semelhantes. Lembrando que caso o (a) adolescente não se sinta a vontade para participar basta sinalizar a pesquisadora responsável, sem nenhum prejuízo para você.

O tempo de duração da entrevista será de aproximadamente uma hora. Caso o adolescente venha a sentir qualquer desconforto ou sinta-se emocionalmente abalado(a) ou triste, irei interromper a entrevista e recomeçá-la novamente apenas quando o adolescente estiver se sentindo mais calmo(a).

O tempo de duração da Roda de conversa também será de aproximadamente uma hora, como muito cuidado, de maneira que o (a) adolescente internalize que está em local seguro para falar de seus sofrimentos.

Muitos acreditam que falar sobre assuntos difíceis e estressantes pode ajudar a se sentir mais aliviado(a) e tranquilo(a). Contudo, se o adolescente não se sentir assim podemos acionar um serviço de saúde local para dar apoio e receber acompanhamento.

Lembro que o seu filho (a) pode interromper a entrevista a hora que quiser sem que isso lhe cause qualquer prejuízo.

Além disso, em caso de qualquer desconforto ou constrangimento em relação às perguntas formuladas, o adolescente tem todo o direito de não respondê-las.

A pesquisadora conduzirá a entrevista com muita sensibilidade, pois o bem estar do adolescente é de alta prioridade.

A participação na pesquisa não trará nenhum benefício direto, entretanto, o adolescente estará contribuindo para a investigação e o conhecimento sobre o tema no país.

Quanto aos benefícios indiretos relacionados à colaboração nesta pesquisa, as informações dadas poderão contribuir para o desenvolvimento de estratégias de

intervenção e promoção da saúde dos adolescentes, além de possível apoio na formulação de políticas públicas.

Visa também a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar de crianças, adolescentes e famílias.

Os resultados do estudo serão divulgados em relatório final de pesquisa, seminários e artigos científicos.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Fone:(51)35911122Ramal3219

E-mail: cep@unisinobr

Você e o adolescente também poderão entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tatiane Batista Domingues Macêdo, de 9h às 17h horas, no número (61) 99136-4714 ou pelo e-mail batisttatiane@gmail.com.

Desta maneira solicitamos o seu consentimento para a PARTICIPAÇÃO do adolescente na pesquisa, nos termos referidos acima

---

(nome)

Este Termo é redigido em duas vias, sendo uma para você e outra para o(a) pesquisador(a).

Por favor, rubrique todas as páginas desse termo e caso concorde com a participação do adolescente assine abaixo.

A pesquisadora responsável também deverá rubricar todas as páginas.

Declaro que entendi os objetivos e condições da participação do adolescente na pesquisa e o meu consentimento para a sua participação.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

Declaro que entendi os objetivos e condições para participação na pesquisa e concordo em participar dela.

Nome \_\_\_\_\_ completo:

Assinatura \_\_\_\_\_ Participante\*:

Assinatura \_\_\_\_\_ Pesquisador responsável:

**(Tatiane Batista Domingues Macêdo)**

\*Caso o(a) responsável tenha dificuldade para ler ( ) SIM ( ) NÃO o escrito acima, a pesquisadora fará leitura pausada desse documento e irá esclarecer a todas as suas dúvidas. Antes da leitura desse documento a pesquisadora irá ler o seguinte parágrafo: —Devido à dificuldade ou impossibilidade de leitura do Termo de Consentimento presente, eu, na qualidade de pesquisadora, irei ler o Termo de Consentimento na íntegra e o adolescente irá dizer seu nome completo e depois poderá confirmar ou não oralmente se concorda em participar da presente pesquisa. A estratégia de gravação da leitura e concordância oral com o Termo de Consentimento Esclarecido substitui a assinatura do participante de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde 510/16. Toda a leitura do termo, incluindo este parágrafo será gravado.

## **APÊNCIE 5 - TERMO DE ASSENTIMENTO DAS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO**

Prezada Psicóloga Escolar,

A senhora está sendo convidada a participar da pesquisa “Autolesão não suicida em adolescentes: estudo de caso de um Centro de Ensino Fundamental em Brasília” desenvolvida pela mestranda Tatiane Batista Domingues Macêdo, aluna do Programa de Pós Graduação da UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo/RS.

O objetivo central do estudo é conhecer sobre a prática de autolesão não suicida entre adolescentes. São convidados a participar da pesquisa adolescentes que praticam autolesão ou já tenham praticado nos últimos dois anos, bem como servidores da escola onde a pesquisa está sendo realizada a fim de contribuir com a pergunta problema: “Qual o significado o (a) adolescente atribui à prática da autolesão não suicida?” .

Você deve sentir-se suficientemente esclarecido(a) e informado(a) sobre a pesquisa para tomar a sua decisão. A não participação na pesquisa não acarretará nenhum dano para o adolescente nem para você.

Você poderá retirar-se da pesquisa a qualquer momento sem que ocorra qualquer tipo de penalização. Contudo, sua participação é muito importante para a execução da pesquisa.

O trabalho não identificará em qual escola a pesquisa está sendo feita, mas citará a sua posição como psicóloga escolar, omitindo o seu nome e/ou qualquer outro dado que possa te identificar.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Toda informação obtida com sua entrevista será cuidadosamente guardada em local reservado, vedado ao acesso de terceiros. Somente terá acesso ao material da pesquisa a mestranda Tatiane Batista Domingues Macêdo. O material de pesquisa será utilizado unicamente para o propósito desse estudo.

Sua participação consistirá em responder perguntas sobre os eventos relacionados a prática da autolesão não suicida, ou seja, suas características, sua relação com a família e a escola.

O tempo de duração da entrevista será de aproximadamente uma hora.

A participação na pesquisa não trará nenhum benefício direto, entretanto, seu relato estará contribuindo para a investigação e o conhecimento sobre o tema no país.

Quanto aos benefícios indiretos relacionados à colaboração nesta pesquisa, as informações dadas poderão contribuir para o desenvolvimento de estratégias de intervenção e promoção da saúde dos adolescentes, além de possível apoio na formulação de políticas públicas.

Visa também a melhoria da qualidade de vida e do bem-estar de crianças, adolescentes e famílias.

Os resultados do estudo serão divulgados em relatório final de pesquisa, seminários e artigos científicos.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Fone:(51)35911122Ramal3219

E-mail: cep@unisinobr

Você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tatiane Batista Domingues Macêdo, das 9h às 17h horas, no número (61) 99136-4714 ou pelo e-mail batisttatiane@gmail.com.

Desta maneira solicitamos o seu consentimento para a PARTICIPAÇÃO do adolescente na pesquisa, nos termos referidos acima

---

(nome)

Este Termo é redigido em duas vias, sendo uma para você e outra para o(a) pesquisador(a).

Por favor, rubrique todas as páginas desse termo e caso concorde com a participação do adolescente assine abaixo.

A pesquisadora responsável também deverá rubricar todas as páginas.

Declaro que entendi os objetivos e condições da participação do adolescente na pesquisa e o meu consentimento para a sua participação.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

Declaro que entendi os objetivos e condições para participação na pesquisa e concordo em participar dela.

Nome

completo:

---

Assinatura

Participante\*: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**(Tatiane Batista Domingues Macêdo)**

\*Caso o(a) responsável tenha dificuldade para ler ( ) SIM ( ) NÃO o escrito acima, a pesquisadora fará leitura pausada desse documento e irá esclarecer a todas as suas dúvidas. Antes da leitura desse documento a pesquisadora irá ler o seguinte parágrafo: —Devido à dificuldade ou impossibilidade de leitura do Termo de Consentimento presente, eu, na qualidade de pesquisadora, irei ler o Termo de Consentimento na íntegra e o adolescente irá dizer seu nome completo e depois poderá confirmar ou não oralmente se concorda em participar da presente pesquisa. A estratégia de gravação da leitura e concordância oral com o Termo de Consentimento Esclarecido substitui a assinatura do participante de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde 510/16. Toda a leitura do termo, incluindo este parágrafo será gravado.